

Auxiliar de Veterinário e Pet Shop



**CURSO DE QUALIFICAÇÃO
PROFISSIONAL**



Se precisar só do Certificado
Basta ter experiência na área

Conteúdo programático:

Introdução - O Auxiliar de Veterinário

História

Origem dos Canídeos e Felídeos

Biossegurança e Cuidados Preventivos

Introdução à Anatomia e Fisiologia Animal

Contenção de Cães e Gatos

Nutrição de Cães

Nutrição de Gatos

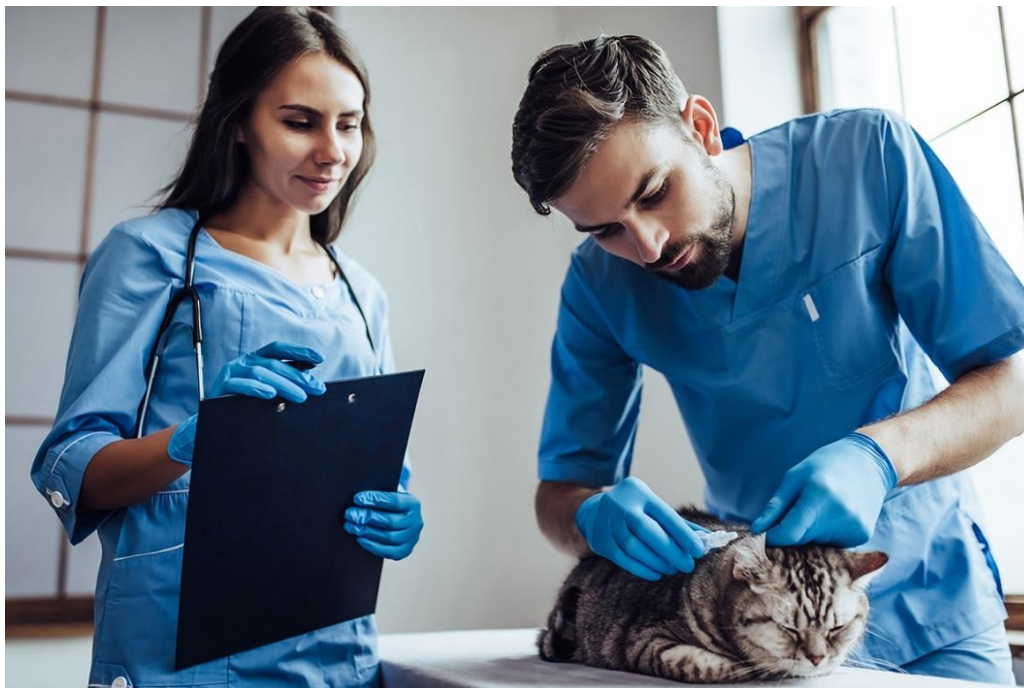
Estética Animal

Noções das Principais Doenças Caninas

Noções das Principais Doenças Felinas



Introdução - O Auxiliar de Veterinário



A profissão de “auxiliar veterinário” não é regulamentada no Brasil.

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego reconhece a função de auxiliar de veterinário (5193-05) desde 2002 como área de ocupação profissional enquadrada dentro do grupo "trabalhadores de serviços veterinários, de higiene e estética de animais domésticos" (5193).

A CBO é utilizada para fins de registro em CTPS (carteira de trabalho e previdência social) e outras providências, entretanto, não se confunde com o reconhecimento formal da profissão, que é realizado através Lei Federal. Conclui-se, portanto, que o cargo de auxiliar veterinário é uma área de ocupação, e não uma profissão propriamente dita.

Deste modo, qualquer prática desses profissionais em áreas privadas e/ou peculiares à medicina veterinária caracteriza exercício ilegal da profissão, nos termos do artigo 47 da Lei de Contravenções Penais.

É cada vez mais crescente o mercado de trabalho para os médicos veterinários, de todas as áreas. Neste contexto se destaca uma área em especial, a do chamado Mercado Pet, que é uma das áreas comerciais que mais crescem na atualidade.

Sendo assim, a necessidade de mão de obra qualificada para o trabalho nos mais variados estabelecimentos veterinários também tem crescido bastante. É justamente nesse mercado crescente que o auxiliar de veterinária pode se enquadrar, ajudando em todas as seções e repartições dos pet shops, consultórios, clínicas ou hospitais veterinários, além de zoológicos e fazendas.

Dentre as atividades que podem ser realizadas pelo auxiliar de veterinária, dentro da rotina clínica, estão:

- Aferir temperatura
- Observar condições físicas e neurológicas dos animais
- Informar as condições de saúde dos animais ao veterinário
- Auxiliar na coleta de materiais para a realização de exames
- Controlar sinais vitais do animal, como temperatura, pulso, perfil capilar.
- Ministrando medicamentos sob a supervisão do médico veterinário
- Aplicar injeções
- Fazer curativos
- Alimentar os animais
- Exercitar os animais
- Higienizar o local de estada dos animais
- Grosar e arrancar dentes de cavalos
- Prestar primeiros socorros
- Pesar o animal
- Conter o animal
- Auxiliar nos procedimentos de acesso intravenoso
- Fazer a tricotomia de animais antes da cirurgia
- Selecionar as caixas cirúrgicas
- Preparar o material cirúrgico
- Auxiliar no procedimento de internação/intubação do animal

- Posicionar o animal na mesa de cirurgia
- Fazer a antissepsia do animal
- Transportar o animal dentro do estabelecimento
- Recolher o material utilizado (instrumentos)
- Separar materiais descartáveis
- Separar o lixo hospitalar
- Embalar o lixo hospitalar para descarte
- Lavar os instrumentos cirúrgicos
- Montar a caixa de cirurgia
- Dobrar panos, aventais e uniforme.
- Esterilizar materiais, instrumentos e o ambiente.

Dentre as atividades que podem ser feitas pelo auxiliar de veterinária, no que diz respeito às outras áreas do pet shop, consultório, clínica e hospital estão:

- Atender a clientes-proprietários dos animais
- Buscar os animais
- Conversar com os proprietários
- Informar sobre normas e regulamentos do estabelecimento
- Orientar sobre noções de saúde, higiene e alimentação.
- Indicar o atendimento do animal pelo médico veterinário
- Entregar o animal
- Orientar sobre cuidados especiais para estética
- Orientar sobre tipos e raças de animais para aquisição
- Administrar o local de trabalho
- Solicitar material e medicamentos
- Repor material e medicamentos
- Controlar óbitos

- Embalar cadáveres
- Encaminhar os cadáveres para necropsia ou para o aterro sanitário
- Enviar materiais coletados para os laboratórios
- Limpar e lubrificar equipamentos
- Desinfetar equipamentos
- Demonstrar competências pessoais
- Demonstrar capacidade no trato com animais
- Demonstrar paciência
- Demonstrar autocontrole
- Demonstrar bom humor
- Demonstrar concentração
- Demonstrar paciência
- Avaliar riscos
- Demonstrar senso estético
- Administrar conflitos
- Demonstrar conhecimento teórico

História



A primeira escola de veterinária

Em 1761, Claude Bourgelat, um dos melhores cavaleiros da Europa, dirigia, há vinte anos, a Academia do Rei, estabelecida em Lyon, França. Disciplinas como a equitação, as armas, a música e a matemática eram ensinadas. Mas, o seu interesse pela anatomia e pela patologia equinas, levou Bourgelat a refletir sobre as bases de um ensino veterinário, capaz de preservar e melhorar a espécie equina, e de proteger o gado das epidemias que o dizimavam. Conseguiu convencer Bertin, controlador geral das finanças, a atribuir-lhe um subsídio para criar o primeiro estabelecimento veterinário em Lyon. Assim, a Escola da Guillotière é fundada em 1762.

Ao contrário do ensino universitário da época, o ensino veterinário privilegiava a reflexão e a observação, a habilidade manual e a memória visual. Desde o início, os estudantes praticavam através de consultas e hospitalizações de animais. Muito rapidamente, esta primeira escola atraiu alunos estrangeiros e foi uma referência em matéria de Medicina Veterinária. Tornou-se Escola Real Veterinária em 1764. O ensino veterinário evoluiu juntamente com as descobertas científicas. A sua missão de formação expandiu-se

para o campo da investigação. As colaborações entre Médicos e Médicos Veterinários permitiram vencer numerosas doenças. Podemos citar os trabalhos do Médico Veterinário Henry Bouley e de Pasteur sobre a vacinação contra o carbúnculo, de Camille Guérin e o médico Albert Calmette, que desenvolveram a B.C.G. contra a tuberculose, e de Auguste Ramon, que descobriu as anatoxinas antitetânicas e antidiftéricas.

A Medicina Veterinária atual se beneficia das melhores técnicas médicas e cirúrgicas. Ecografia e endoscopia fazem parte da prática quotidiana e, por vezes, os animais até se beneficiam da ressonância magnética. As investigações atuais tendem a melhorar os cuidados dados aos animais e contribuem, assim, para o progresso da Medicina Humana. Para isso é cada vez mais necessário o auxílio de profissionais não veterinários, como o auxiliar de veterinário, para manter sempre o padrão de qualidade e de funcionabilidade de hospitais, clínicas, zoológicos e pet's shops.

Principais ramos da medicina veterinária

A veterinária divide-se em 2 grandes ramos: a produção animal e a medicina veterinária propriamente ditam.

Na produção animal são estudados tópicos como criação de animais (também chamado zootecnia) como bovinocultura, equinocultura, psicultura, caprino-ovinocultura, apicultura; estudo de pastagens; melhoramento animal; reprodução.

A medicina veterinária propriamente dita estuda a medicina preventiva dos animais, a sanidade, patologia, cirurgia e a clínica médica. Dentro destas áreas diversas subáreas já são bem definidas, sendo que já existem médicos veterinários que são anestesistas, odontólogos, oftalmologistas, obstetras, pediatras, patologistas clínicos, ortopedistas, nutricionistas, dentre outros.

Dentro da veterinária, ainda existem aqueles profissionais que lidam com animais selvagens (também chamados silvestres), sendo que eles se ocupam tanto da clínica e cirurgia, da nutrição, quanto da criação destes animais.

Origem dos Canídeos e Felídeos



Origem dos Canídeos

Se admitirmos que as origens da Terra remontam, aproximadamente, a 4,5 bilhões de anos, as origens dos primeiros mamíferos (100 milhões de anos), a dos primeiros canídeos (50 milhões de anos) e, seguidamente, as dos primeiros homínidos (3 milhões de anos) afiguram-se extremamente recentes. Com efeito, se compararmos a história da Terra a um percurso de 1 km, a vida dos mamíferos representaria apenas os últimos metros e a dos canídeos os últimos centímetros!

Os canídeos são mamíferos caracterizados por dentes caninos pontiagudos, dentição adaptada a um regime onívoro e um esqueleto dimensionado para a locomoção digitígrada.

A sua evolução e diversificação teve início no continente norte-americano, com o aparecimento de uma família de carnívoros semelhantes à doninha atual os miacídeos que proliferaram nesse continente há 40 milhões de anos, compreendendo na altura 42

gêneros diferentes, enquanto que hoje apenas se subdivide em 16. A família dos canídeos atuais comporta 3 subfamílias: os cuonídeos (licaon), os otocinonídeos (otocion da África do Sul) e os canídeos (cão, lobo, raposa, chacal, coiote).

A domesticação do lobo

A descoberta de pegadas e ossadas de lobo nos territórios ocupados pelo homem na Europa ascende a 40.000 anos, se bem que a sua utilização real não tenha sido autenticada pelo Homo sapiens nos afrescos pré-históricos. Nesta época, o homem não era ainda sedentário e alimentava-se com os produtos das suas caçadas, cujas migrações acompanhava. As mudanças climáticas – o final de um período glacial e o aquecimento brutal da atmosfera – ocorridas há, sensivelmente, 10.000 anos durante a passagem do Pleistoceno para o Holoceno, levaram à substituição das tundras pelas florestas e, conseqüentemente, à diminuição de mamutes e bisontes, cujo lugar foi ocupado por veados e javalis. Esta redução da caça tradicional impeliu o Homem a inventar novas armas e a adaptar as suas técnicas de caça. Nesta fase, tinham de competir com os lobos que se alimentavam do mesmo tipo de presas e utilizavam as mesmas técnicas de caça em matilha com recurso a "batedores".

Como tal, o homem teve, naturalmente, de procurar converter o lobo num aliado de caça, tentando, pela primeira vez, domesticar um animal muito antes de ele próprio se tornar sedentário e de se dedicar à criação de animais. Assim, o cão primitivo, era indiscutivelmente, um cão de caça e não um cão pastor.

Resultados da seleção realizada pelo Homem

Muito embora se encontre a descrição de "galgos" na paleontologia egípcia ou de "molossos" na história assíria, na realidade tratava-se apenas de subespécies de Canis familiaris, variedades ou tipos de clãs. O aparecimento das raças caninas, tais como as conhecemos na atualidade, constitui um fenómeno muito mais recente do que a domesticação, uma vez que data da Antiguidade.

Para além de algumas raças caninas, como o Bichon, cuja identidade racial foi possível conservar num território limitado, a maioria das raças caninas resultam da seleção exercida pelas nossas civilizações, da ação possibilitada pela domesticação e da orientação dos acasalamentos.

O aparecimento de diferentes tipos de cães

Tendo surgido durante o terceiro milênio na Mesopotâmia, delinearam-se, então, dois grandes tipos de cães constituídos pelos Molossóides, encarregados da proteção dos rebanhos contra os predadores (o urso, e ironia do destino, do seu antepassado, o lobo!) e o tipo "galgo" adaptado à corrida e às regiões desérticas, que se tornou num precioso auxiliar de caça para o homem. Juntamente com esses dois tipos básicos, encontravam-se já, sem dúvida, os tipos de cães correspondentes atualmente aos principais grupos classificados pela Sociedade Central Canina.

Origem dos Felinos



Os Felídeos primitivos

Durante o período Oligoceno, esboça-se claramente nos Felídeos uma tendência para a individualização de duas linhagens distintas de felinos. Por um lado, animais grandes e robustos, embora lentos, providos de enormes caninos semelhantes a lâminas de sabre: os Eusmilus; e por outro, os grandes gatos mais ágeis e mais rápidos com uma dentição próxima dos atuais Felídeos, os

Proailurus, e mais tarde Pseudailurus cuja locomoção se assemelha à dos Viverrídeos. Por exemplo, o atual Fossa (*Cryptoprocta ferox*) constitui um verdadeiro fóssil vivo.

O Pseudailurus seria assim o primeiro membro da família dos gatos modernos dos quais o Smilodon, na América, é um representante espetacular. Os pequenos felinos foram-se adaptando a regiões tão diversificadas como os desertos, florestas, estepes e pântanos. Sobrevém a era do Mioceno, durante a qual, em França, existia o *Felis zitteli*, animal muito próximo do gato selvagem atual. Posteriormente, no período Pleistoceno da era quaternária, surgiu o gênero *Felis*, enquanto que, por outro lado, os felinos primitivos, Smilodons e *Machairodus*, espécie de tigres dentes de sabre, vão desaparecendo.

A domesticação dos gatos

A domesticação do gato permanece envolta em bastante mistério e, como tal, não pode ser estabelecida com uma certeza. Segundo a crença tradicional, a domesticação terá ocorrido no Egito, local onde foram encontrados os primeiros vestígios da domesticação do gato, por volta do ano 4500 AC. O gato egípcio seria assim descendente de uma das subespécies do Gato selvagem *Felis Silvestris Libyca*. Inicialmente, este gato começou por ser um comensal do Homem, partilhando a sua alimentação; posteriormente, estabeleceu-se uma relação de maior proximidade entre o Homem e o animal, que primeiro se tornou "familiar" e, mais tarde, de "companhia".

Desde a época do Novo Império (sensivelmente nos anos 1580-1070 AC) até ao período ptolemaico (do ano 300 ao ano 30 AC), os egípcios chegaram mesmo a permitir a aproximação dos gatos selvagens e a sua domesticação. Mais tarde, mandaram também mumificá-los, tal como o faziam aos espécimes domesticados há muito tempo. No Antigo Egito, o gato doméstico, trazido do sul ou do oeste por volta do ano de 2.100 a.C., é considerado um ser divino, de tal ordem que, se um deles morrer de morte natural, as pessoas da casa raspam as sobrancelhas em sinal de luto.

Curiosidade: Ao contrário dos grandes felinos, os pequenos felinos caracterizam-se pela particularidade do seu osso hioide ser completamente rígido, o que não lhes permite rugir. Ronronam durante a inspiração e a expiração, enquanto nos grandes felinos

o ronronar só se produz durante a expiração. Todos os felinos de pequenas dimensões pertencem ao mesmo grupo, até mesmo o Puma, que tem o tamanho de uma pantera.

Biossegurança e Cuidados Preventivos



Biossegurança é um conjunto de procedimentos, ações, técnicas, metodologias, equipamentos e dispositivos capazes de eliminar ou minimizar riscos inerentes às atividades de pesquisa, produção, ensino, desenvolvimento tecnológico e prestação de serviços, que podem comprometer a saúde do homem, dos animais, do meio ambiente ou a qualidade dos trabalhos desenvolvidos.

A responsabilidade do Médico Veterinário não é diferente da responsabilidade de qualquer outro profissional de saúde. A implantação de medidas de biossegurança na medicina veterinária visa realizar um diagnóstico dos possíveis riscos encontrados nos diferentes ambientes, apresentado as formas de reconhecê-los e evitá-los. Um programa de biossegurança torna-se eficiente, na prática diária, quando está embasado em documentos científicos, normativos e legislações pertinentes, visando à interdisciplinaridade, ações educativas e aplicação de conhecimentos que possam influenciar nos hábitos, comportamentos e sentimentos, no desenvolvimento das atividades.

As principais estratégias para a redução das infecções adquiridas no ambiente de trabalho são a prevenção da exposição a materiais biológicos potencialmente infecciosos, bem como a proteção através da imunização. A combinação de procedimentos padrão, mudanças na prática de trabalho, uso dos diversos recursos tecnológicos e educação continuada são as melhores alternativas para reduzir exposições ocupacionais. Normas e procedimentos que facilitem pronta comunicação, avaliação, aconselhamento, tratamento e acompanhamento dos acidentes de trabalho com material biológico deve estar disponível para os profissionais de saúde. Essas normas devem estar de acordo com as exigências federais, estaduais e municipais.

As mãos devem ser lavadas:

- Antes e após atividades que eventualmente possam contaminá-las;
- Ao início e término do turno de trabalho entre o atendimento a cada paciente;
- Antes de calçar luvas e após a remoção delas;
- Quando as mãos forem contaminadas (manipulação de material biológico e/ou químico) em caso de acidente.

LEMBRETES TÉCNICOS:

1. O uso de luvas não exclui a lavagem das mãos;
2. Mantenha as unhas tão curtas quanto possível e remova todos os adornos antes da lavagem das mãos;
3. Utilize técnicas que tratem todas as partes da mão igualmente;
4. Realize o procedimento de lavagem de mãos a cada atividade;
5. Lave as mãos em uma pia distinta daquela usada para a lavagem do instrumental.

Imunização Preventiva

As imunizações reduzem o risco de infecção e, por consequência, protegem, não apenas a saúde dos componentes da equipe, mas também a de seus clientes e familiares.

Todos os componentes da equipe devem ser vacinados contra hepatite B, tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola) e a dupla adulto DT (difteria e tétano) e contra a raiva.

Acidentes com Material Biológico

A exposição a material biológico (sangue ou outros líquidos orgânicos potencialmente contaminados) pode resultar em infecção por patógenos como o vírus da imunodeficiência humana e os vírus das hepatites B e C. Os acidentes ocorrem habitualmente através de ferimentos com agulhas, material ou instrumentos cortantes ou a partir do contato direto da mucosa ocular, nasal, oral e pele não íntegra com sangue ou materiais orgânicos contaminados. Podem ser, portanto potencialmente prevenidos.

Exposição ocupacional a material biológico: Contato de mucosas e pele não íntegra ou acidente percutâneo com sangue ou qualquer outro material biológico potencialmente infectante (sêmen, secreção vaginal, nasal e saliva, liquor, líquido sinovial, peritoneal, pericárdico e amniótico).

É muito importante preparar o ambiente antes de iniciar o atendimento. O planejamento evitará, por exemplo, o contato da mão enluvada com materiais e equipamentos. Determinadas superfícies, especialmente as de toque frequente (negatoscópio, recipientes de gaze, algodão, maçanetas etc.) podem servir como reservatório de agentes infectantes, uma vez que daí, os micro-organismos podem ser transferidos para nariz, boca, olhos ou outra parte do corpo muito facilmente. A infecção acidental de clientes ou pacientes ocorre principalmente através do contato com as mãos enluvasadas do profissional.

Classificação dos Ambientes

Áreas não críticas - são aquelas não ocupadas no atendimento dos clientes ou as quais estes não têm acesso. Essas áreas exigem limpeza constante com água e sabão com poder desinfetante.

Áreas semi críticas - são aquelas vedadas às pessoas estranhas às atividades desenvolvidas. Ex: lavanderia, laboratórios, biotério, salas de raio-X. Estas, devido ao seu nível crítico, exigem limpeza e desinfecção um pouco mais eficiente que as áreas anteriores.

Cuidados com o Instrumental e Equipamentos

As etapas para o reprocessamento do instrumental contaminado são as seguintes:

Limpeza dos instrumentos:

Qualquer que seja o processo de esterilização ou descontaminação a ser submetido um determinado artigo, a primeira etapa a qual inclusive garantirá a eficácia do processo, é a limpeza. Limpeza constitui-se como sendo a remoção de qualquer sujidade de artigos e/ou superfícies, devendo ser realizada imediatamente antes da esterilização ou descontaminação, pois permite o contato adequado entre os artigos e os agentes químicos e físicos. Falhas nesse processo facilitam o crescimento de micro-organismos e subsequente contaminação de objetos e superfícies ou infecção de quem os manipula. Durante a limpeza dos instrumentos, visando à redução de riscos ocupacionais, o uso de equipamento de proteção individual (EPI) é obrigatório: avental impermeável, luvas de limpeza, óculos de proteção, máscaras e botas.

Imersão:

O objetivo desta etapa é a remoção da sujidade e resíduos orgânicos utilizando detergentes enzimáticos. Atualmente, os detergentes enzimáticos têm se destacado na limpeza dos instrumentos cirúrgicos. Essas enzimas podem identificar dissolver e digerir sujeiras específicas. A enzima amilase tem atividade sobre os carboidratos, a lipase sobre as gorduras, e a protease sobre as proteínas. Existem produtos que podem ter uma ou mais enzimas combinadas para alcançar esses objetivos. Após a diluição, deve-se deixar o instrumental totalmente imerso na solução por 03 minutos, depois enxaguar copiosamente com água, dispensando a limpeza mecânica.

Enxágue:

O enxágue pode ser realizado de diferentes maneiras conforme a etapa da descontaminação, o tipo de tratamento do material e seu destino.

1. Para o enxágue após a limpeza, a água deve ser potável e corrente.
2. Para o enxágue após esterilização a frio com solução química, a água deve ser esterilizada.

3. Para o enxágue após descontaminação:

a) A água deve ser potável e corrente se a desinfecção for com o objetivo de manuseio e uso seguro de material não crítico.

b) A água deve ser esterilizada, se o material for de uso crítico.

Secagem:

A secagem dos artigos visa evitar a interferência da umidade nos processos de empacotamento e posteriormente a formação de condensado de vapor que surge com a esterilização. A secagem pode ser feita em estufa de secagem regulada conforme o tipo de material; ao ar ambiente, em bandeja coberta e com a superfície forrada com pano estéril; e por um pano limpo e seco.

Empacotamento:

Após a limpeza e secagem do instrumental, este deve ser acondicionado para posterior esterilização. O empacotamento deve observar o método de esterilização a ser empregado:

Autoclave: Em autoclave será aceito:

- Papel de celulose alvejado e plástico de polipropileno. Apresenta-se como folha de papel ou envelope com diversas medidas. Deve ser isento de furos, rasgos ou orifícios e livre de manchas. Possui características gerais como porosidade: 65s (mínima) a 105s (máxima); gramatura: 60g/m² para o papel e 54g/m² para o filme plástico. A embalagem deve ser de uso único.

Desinfecção:

Desinfecção é o processo que envolve o uso de agentes químicos em objetos inanimados como superfícies de trabalho, pisos ou equipamentos e que consiste na eliminação de micro-organismos não formadores de esporos. Os agentes químicos mais indicados para a desinfecção de ambientes laboratoriais em medicina veterinária são:

a) solução de hipoclorito de sódio a 1%;

b) álcool etílico 70% para superfícies metálicas ou itens não autoclaváveis;

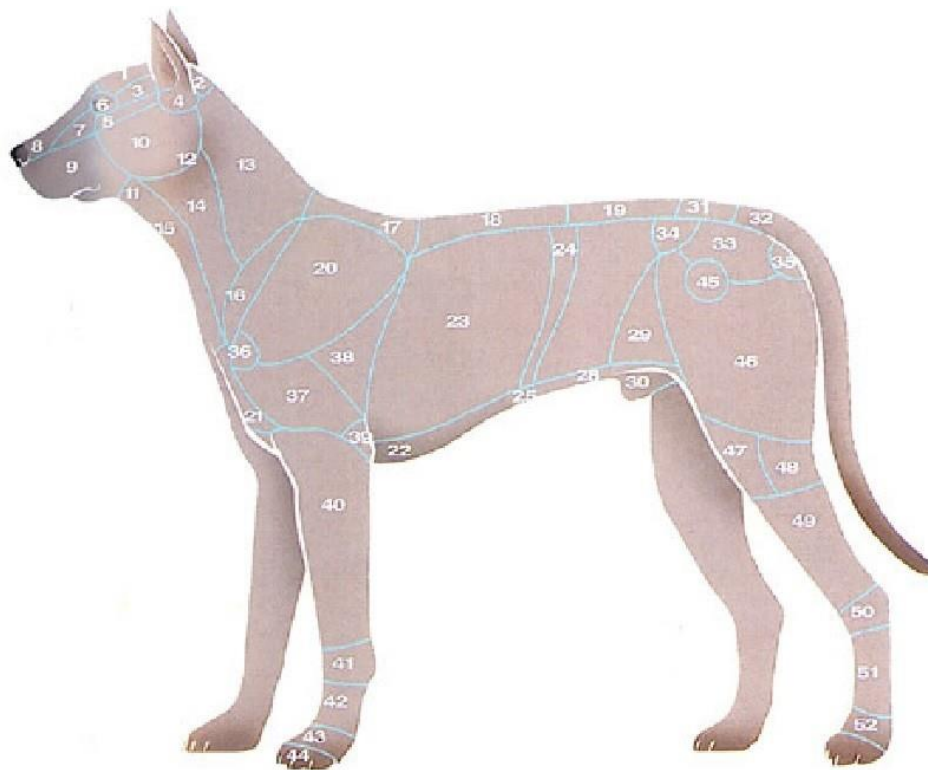
Rotina para procedimentos clínicos:

1. Lavar as mãos;

2. Colocar gorro, máscara, óculos de proteção e avental e luvas de procedimento ou cirúrgicas conforme o tipo de procedimento;
3. Envolver as superfícies de toque frequente com coberturas descartáveis (usar luvas de procedimento);
4. Remover as luvas de procedimento;
5. Instrumentos esterilizados devem ser mantidos na embalagem ou em caixas fechadas até o momento do uso;
6. Colocar instrumentos estéreis na bandeja esterilizada (sem entrar em contato manual);
7. Atender ao paciente.

Introdução à Anatomia e Fisiologia Animal

O corpo do cão é descrito por regiões. Cada uma corresponde a um setor anatômico preciso. Encontram-se, assim, definidas 52 regiões que permitem, nomeadamente ao perito de certificação ou ao juiz de exposição, apreciar o espécime apresentado e explicar as decisões tomadas ao seu proprietário.



Cabeça

1. região frontal
2. r. parietal
3. r. temporal
4. r. auricular
5. r. zigomática
6. r. orbital
7. r. intraorbital
8. r. nasal
9. r. bucal
10. r. massetéica

Pescoço

11. r. da laringe
12. r. da parótida
13. r. dorsal do pescoço
14. r. lateral do pescoço
15. r. ventral do pescoço (r. traqueal)
16. r. pré-escapular

Tórax

17. r. interescapular
18. r. dorsal
19. r. Lombar
20. r. da espádua
21. r. do pré-esterno
22. r. do esterno
23. r. das costelas
24. r. do hipocôndrio

Abdome

25. r. xifoidiana
26. r. do flanco
27. r. umbilical
28. r. hipogástrica
29. r. inguinal
30. r. do prepúcio

Pelve

31. r. do sacro
32. r. coccígea ou r. caudal
33. r. dos glúteos
34. r. da tuberosidade coxal
35. r. da tuberosidade isquiática

Membro torácico

36. r. da articulação escapulo-humeral
37. r. do braço
38. r. bicipital
39. r. do codilho
40. r. do ante-braço
41. r. do carpo
42. r. do metacarpo
43. r. metacarpofalangiana
44. r. ungueada

Membro pélvico

45. r. da articulação da anca
46. r. da coxa
47. r. do joelho
48. r. póplitea

49. r. da perna

50. r. do tarso

51. r. do metatarso

52. r. metatarso-falangiana

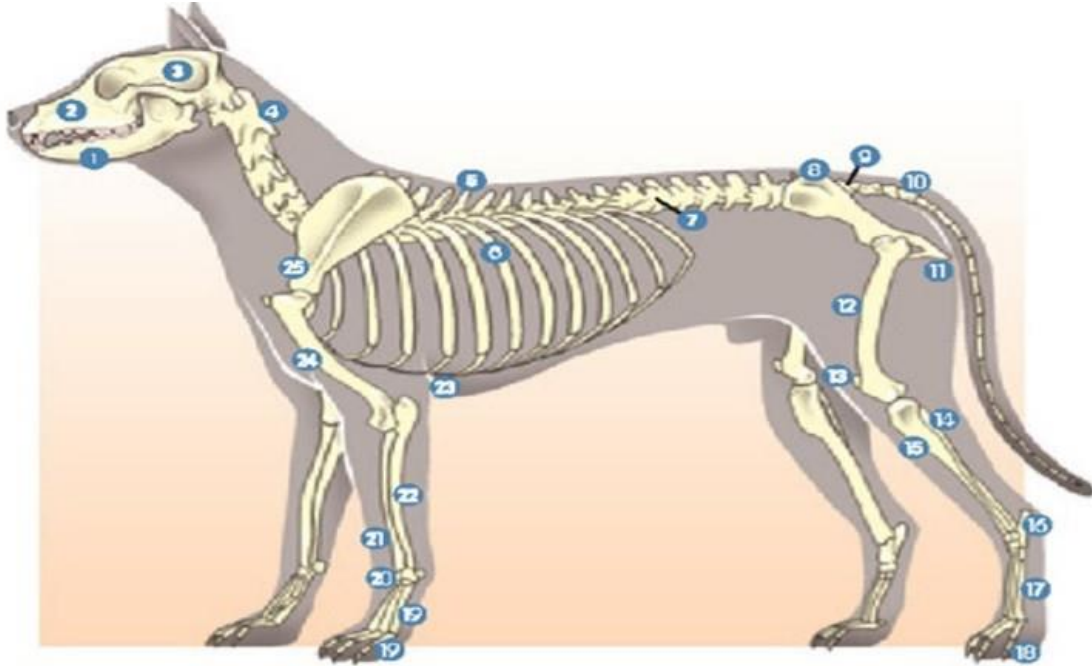
O aparelho locomotor do cão e do gato

O esqueleto é a estrutura do cão e do gato. Trata-se de um conjunto de ossos organizados entre si por meio de articulações que podem ser de tipos distintos de acordo com o grau de amplitude entre dois ossos: algumas são totalmente fixas (ossos do crânio), outras permitem movimentos em três dimensões (articulação entre o crânio e a coluna vertebral).

A mobilidade do esqueleto é assegurada pelos músculos estriados que, por meio de tendões, se inserem sobre ossos diferentes. A sua contração implica movimentos ao nível das estruturas ósseas, umas em relação às outras, tal como nos movimentos de flexão e extensão. As contrações musculares são comandadas pelos nervos através do sistema nervoso central: o cérebro e o cerebelo para os movimentos voluntários, a espinal-medula para os reflexos. Os neurônios que tomam parte no comando dos movimentos são designados por neurônios motores em oposição aos neurônios sensitivos que conduzem a informação ao cérebro.

O cão possui três a quatro formas de locomoção, com maior ou menor grau de desenvolvimento consoante a raça: passo, trote, galope, passo travado. O cão é um bom saltador e um nadador médio, apresentando sempre variações em função da raça.

O esqueleto do cão



- | | | |
|------------------------|-----------------------|---------------|
| 1. Mandíbula | 8. Íleo | 17. Metatarso |
| 2. Face | 9. Sacro | 18. Falanges |
| 3. Crânio | 10. Vértebras caudais | 19. Metacarpo |
| 4. Vértebras cervicais | 11. Ísquio | 20. Carpo |
| 5. Vértebras torácicas | 12. Fémur | 21. Rádio |
| 6. Costelas | 13. Rótula | 22. Ulna |
| 7. Vértebras lombares | 14. Fíbula | 23. Esterno |
| | 15. Tíbia | 24. Úmero |
| | 16. Tarso | 25. Escápula |

O esqueleto. A coluna vertebral, formada por diferentes tipos de vértebras, desempenha o papel de eixo axial na qual se inserem 13 costelas, 10 das quais ligadas pelo esterno, formando a caixa torácica. O crânio articula-se com a primeira vértebra cervical em forma de receptáculo, o atlas. Este articula-se com a seguinte, o axis, em forma de "pivot", de tal forma que a cabeça se pode movimentar em volta do eixo formado por estas duas vértebras.

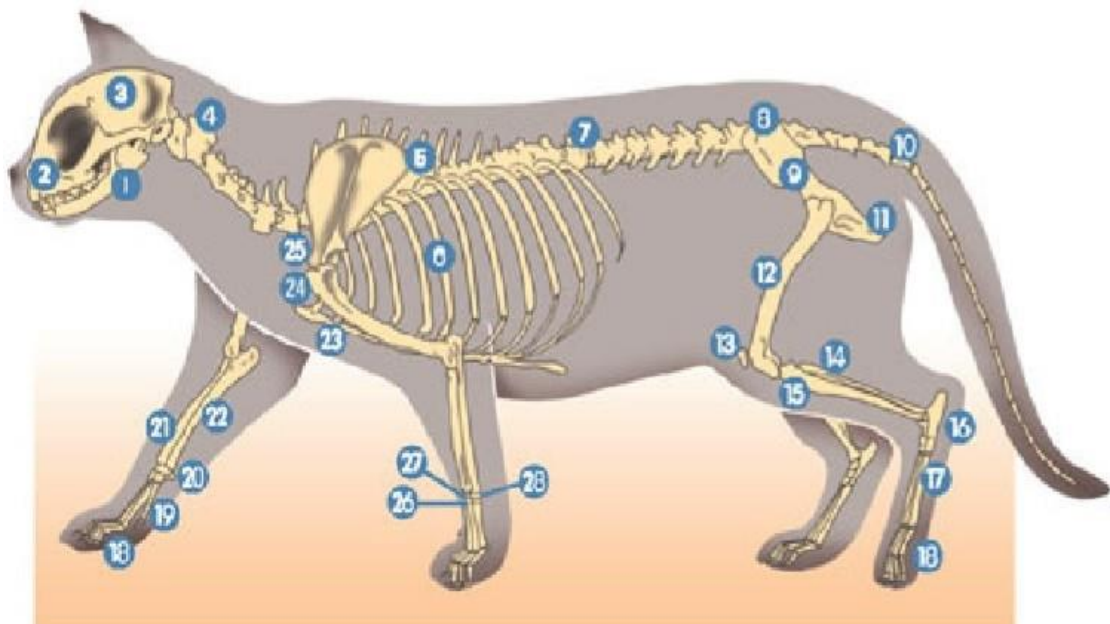
Os membros posteriores, verdadeiro sistema de propulsão do cão, engrenam-se na bacia ao nível da articulação da anca, estando a bacia, por sua vez, unida à coluna através de um sistema de ligamentos complexos. Os membros anteriores, com um papel menos ativo na propulsão, estão simplesmente ligados à coluna torácica por meio da escápula e músculos adjacentes.

Os ossos são formados por uma estrutura fibrosa calcificada. Esta calcificação ocorre progressivamente no decurso da vida fetal e durante a fase de crescimento. Esta última fase é muito longa no caso dos cachorros de raças grandes, pelo que se aconselha uma grande prudência em relação aos aportes de cálcio da alimentação para evitar carências e excessos. O cálcio ósseo constitui, ao longo de toda a vida do cão, uma reserva que aumenta ou diminui ao passo que o teor de cálcio sanguíneo permanece constante. O centro dos ossos é constituído pela medula óssea, tecido esponjoso que produz as células sanguíneas.

O esqueleto do gato

O esqueleto do gato é composto por 279 a 282 ossos, geralmente alongados, esguios e finos, mas muito resistentes.

- Coluna vertebral: 50 a 54 vértebras distribuídas por 5 segmentos ou regiões. Inclui 7 vértebras cervicais, 13 dorsais ou torácicas, 7 lombares, 3 sagradas e 20 a 24 caudais ou coccígeas (cauda);
- Tórax: esterno; 13 pares de costelas, 9 das quais esternais;
- Cabeça: o osso frontal é extremamente curto e o crânio é volumoso e globular. As fossas temporais e as órbitas são muito extensas. As mandíbulas são fortes e curtas.



1. Mandíbula	10. Vértebras caudais	18. Falanges
2. Face	11. Ísquio	19. Metacarpo
3. Crânio	12. Fémur	20. Carpo
4. Vértebras cervicais	13. Rótula ou Patela	21. Rádio
5. Vértebras torácicas	14. Fíbula	22. Ulna
6. Costelas	15. Tíbia	23. Esterno
7. Vértebras lombares	16. Tarso	24. Úmero
8. Íleo	17. Metatarso	25. Escápula
9. Sacro		

As articulações e músculos do cão

• As articulações

São diferentes de acordo com os movimentos que condicionam: a simples soldadura que impede qualquer movimento (ossos do crânio), a sínfise cartilaginosa que permite um ligeiro movimento entre duas estruturas ósseas (sínfise púbica), a verdadeira articulação em que as superfícies em causa se encontram cobertas por uma cartilagem hialina e por uma cápsula comum às 2 articulações.

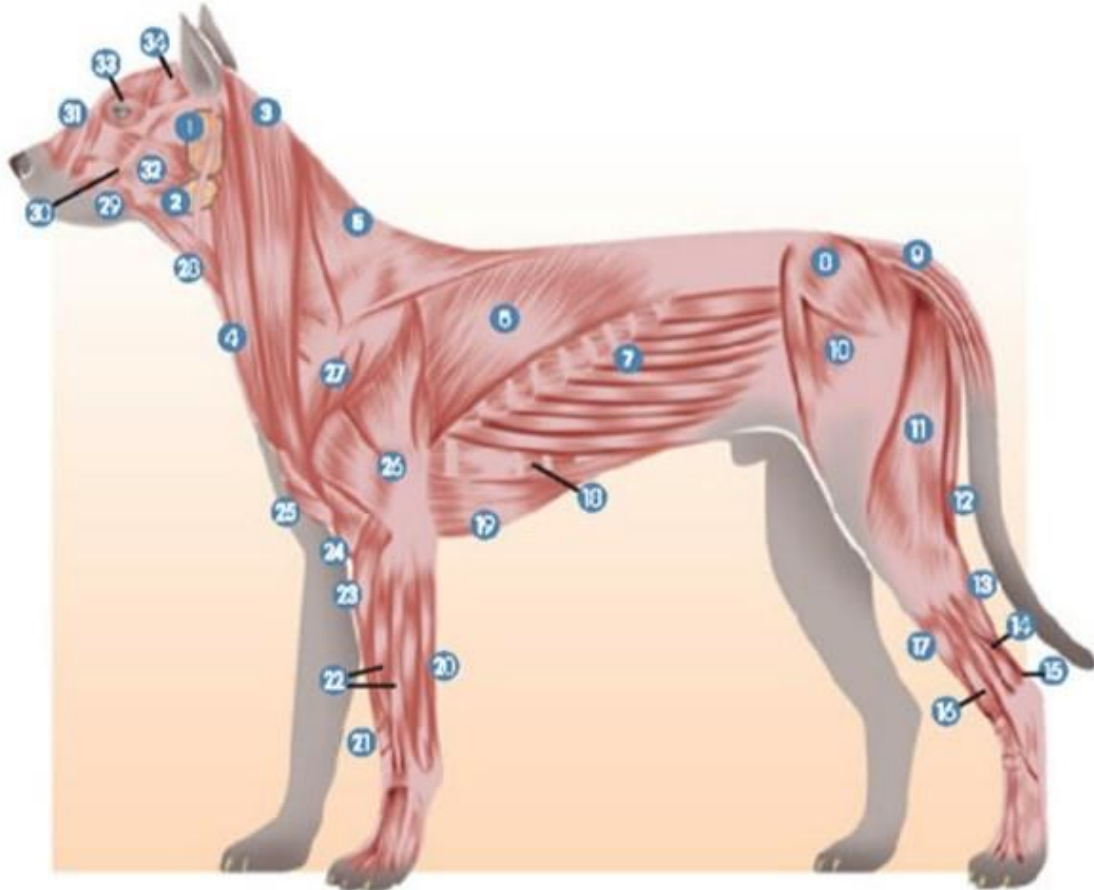
Esta cápsula recobre uma cavidade repleta por um líquido viscoso, a sinóvia, que desempenha simultaneamente um papel nutritivo e lubrificante para a cartilagem. A cartilagem é um tecido muito frágil, não renovável caso seja destruído, razão que explica a importância dessa dupla proteção sinovial. Frequentemente, a cápsula articular está envolvida por um revestimento fibroso e numerosos ligamentos que reforçam a contenção articular. Caso duas extremidades ósseas não sejam estritamente complementares, pode estar inserido um disco ou menisco cartilaginoso complementar entre as duas superfícies articulares (articulação do joelho).

• Os músculos

São constituídos por um conjunto de células contráteis ligadas entre si por membranas que formam feixes musculares. Esses feixes reúnem-se formando tendões fibrosos que se ligam às zonas de inserção óssea. As células contráteis possuem constituintes específicos que lhe vão permitir encurtar-se, situação que produz, à escala muscular, a contração. Esta requer a energia transportada pelo fluxo sanguíneo, armazenada e metabolizada a

nível celular. A determinação desta contração é nervosa, designando-se por placa motriz a junção entre a célula nervosa e a célula muscular. Trata-se de um sistema complexo que permite a transformação da informação nervosa em contração muscular. O sistema muscular está assim estreitamente interligado ao sistema circulatório e nervoso, qualquer alteração a nível de um deles implica repercussões imediatas no aparelho locomotor.

Músculos superficiais do cão



- | | | |
|--|---------------------------------------|----------------------------|
| 1. Glândula parótida | 12. Semitendinoso | 24. Bíceps braquial |
| 2. Glândula mandibular | 13. Gastrocnêmio | 25. Peitoral |
| 3. Braquicéfálico | 14. Músculo flexor dos dedos | 26. Tríceps braquiais |
| 4. Esterno-cefálico | 15. Tendão calcanear comum | 27. Deltóide |
| 5. Trapézio | 16. Músculos extensor longo dos dedos | 28. Esterno-hióideo |
| 6. Grande dorsal | 17. Músculo tíbia cranial | 29. Orbicular da boca |
| 7. Abdominais (músculo oblíquo externo do abdómen) | 18. Músculo intercostal interno | 30. Zigomático |
| 8. Glúteo médio | 19. Peitoral profundo | 31. Levantador naso-labial |
| 9. Músculos sacrocaudais | 20. Flexor ulnar do carpo | 32. Masseter |
| 10. Músculo tensor da fáscia lata | 21. Músculo extensor do carpo | 33. Orbicular |
| 11. Bíceps fémurais | 22. Músculo extensor comum dos dedos | 34. Temporal |
| | 23. Músculo extensor radial do carpo | |

As articulações e músculos do gato

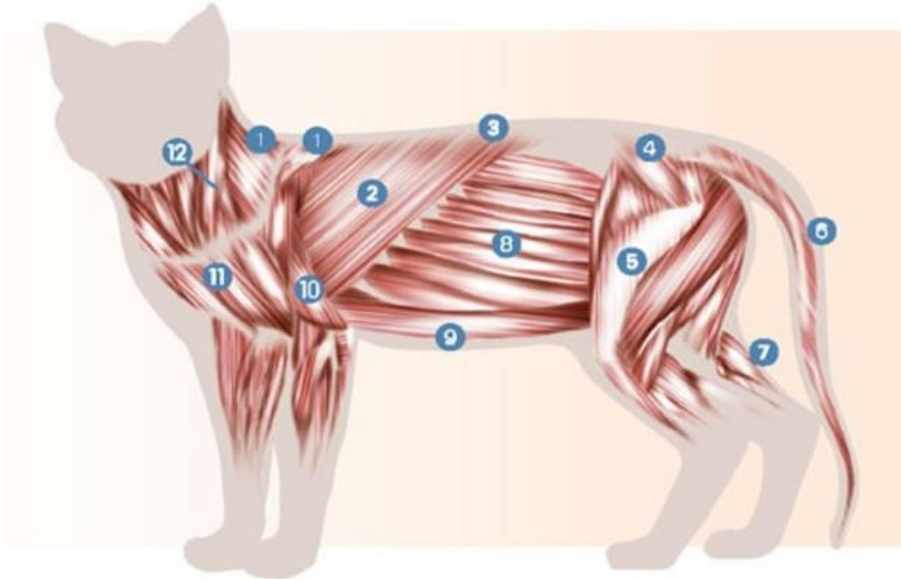
As articulações são notavelmente flexíveis e móveis. Os membros conseguem efetuar uma rotação completa sem risco de luxação. O esqueleto é extremamente flexível e a cauda pode assumir todas as posições.

Os músculos da cabeça são caracterizados pelo seu grande desenvolvimento, complexidade e interligação com os músculos subcutâneos. Os músculos mastigadores são extremamente desenvolvidos.

A região cervical é composta por uma espessa massa muscular que está subdividida em 4 camadas. Os músculos do abdome são muito desenvolvidos, conferindo à parede abdominal a sua textura carnuda e espessura característica. Os músculos da anca e coxas são bastante fortes. As características específicas dos músculos dos membros são baseadas no número dos dígitos das mãos e dos pés. Os membros possuem músculos rotatórios (de pronação e de supinação: movimentos de rotação de 180¼ da face palmar ou plantar das mãos e pés).

Os membros posteriores, mais fortes que os anteriores, estão sempre preparados para o relaxamento ou propulsão do animal. No caso do gato, a corrida é composta por uma série de saltos longos e rasantes. O gato é um corredor de velocidade e não de distâncias longas. Os seus músculos e garras permitem-lhe escalar e trepar com facilidade. Consegue saltar muito alto e, quando a altura é suficiente, consegue cair sobre as 4 patas.

Músculos superficiais do gato

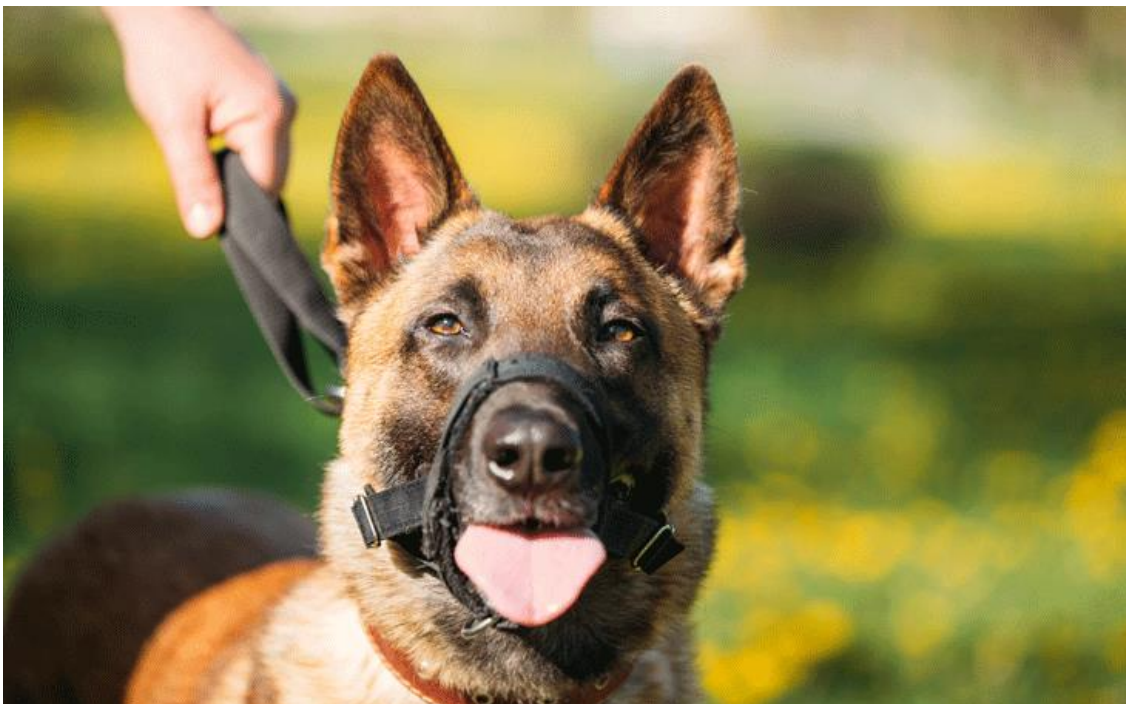


1. Músculo trapézio
2. Músculo grande dorsal
3. Fásia toracolombar
4. Músculo glúteo médio
5. Músculo tensor da fásia lata
6. Músculo sacrocaudal
7. Músculo gastrocnêmio

8. Músculo oblíquo externo do abdômen
9. Músculo recto do abdômen
10. Músculo tríceps do braço
11. Músculo braquiocefálico
12. Músculo esternocefálico

Contenção de Cães e Gatos

CÃES



A contenção mecânica tem como finalidade principal restringir, tanto quanto possível, a atividade física do animal, na tentativa de se realizar a avaliação do paciente e/ou a execução de outros procedimentos (curativos e administração de medicamentos).

Para alguns proprietários, principalmente de pequenos animais e para o examinador, é sempre um momento delicado dentro do contexto de inter-relacionamento "proprietário-veterinário", já que há uma certa relutância, por parte dos donos, no momento da imobilização desses animais para exame.

No entanto, por mais dócil, meigo e inofensivo que seja ou pareça ser o seu paciente, a simples palpação, por exemplo, de uma determinada estrutura que possua um aumento de sensibilidade fará com que ele se defenda à manipulação não habitual, com mordeduras, coices, chifradas e/ou unhas. Por isso, não se deve manipular um animal, mesmo que para a execução de procedimentos simples, sem que ele esteja adequadamente contido, o que resultará em maior segurança para o examinador, para auxiliá-lo e para o próprio animal, além de propiciar um exame satisfatório e tranquilo.

Os principais objetivos da contenção de animais domésticos são:

- Proteger o examinador, o auxiliar e o animal.
- Facilitar o exame físico.
- Evitar fugas e acidentes como fraturas.
- Permitir procedimentos diversos (medicação injetável, curativos, cateterização, exames radiográficos, colheita de sangue etc.).

É importante proceder às manipulações físicas com calma, evitando-se movimentos bruscos ou violentos, os quais possam vir a alterar de maneira significativa os parâmetros vitais em virtude do estresse promovido, principalmente em animais mais arredios. A socialização com o paciente é um passo importante no momento da aproximação dele, já que uma abordagem inadequada pode, muitas vezes, ser fatal, ou desencadear um comportamento não cooperativo por parte do animal, prejudicando, dessa forma, o estabelecimento do diagnóstico. Algumas tentativas de minorar os efeitos causados pelo examinador e pelo ambiente estranho ao animal devem ser realizadas antes da fase de contenção.

A aproximação dele pronunciando o seu nome ou dizendo um "oi" ou "alo", estalando os dedos, assobiando e fazendo carinhos e agrados (se o animal permitir), é interessante e deve ser tentada, deixando o animal mais relaxado e menos desconfiado com relação aos futuros procedimentos. Dê oportunidade ao paciente para conhecê-lo, também. Frequentemente, isso é possível durante a realização da anamnese quando se tem contato visual. Boas condições ambientais de exame (ambiente calmo, bem iluminado, sem muita interrupção por pessoas ou chamadas telefônicas) melhoram consideravelmente os dados obtidos pelo exame físico.

A observação a essas regras facilitará a manipulação e propiciará um melhor relacionamento com o paciente. É conveniente estabelecer a natureza do local escolhido para a contenção, se será no chão ou na mesa, se será com aparelhos especiais (fixos ou móveis), lembrando que os pavimentos duros e escorregadios sujeitam os animais que caem a acidentes mais sérios e, por vezes, irreparáveis (fraturas de membros, coluna vertebral, trauma cranioencefálico, etc.).

São recomendações gerais para a contenção física:

- Evitar movimentos bruscos e precipitados. Seja tranquilo, firme e confiante!
- Tentar ganhar a confiança do paciente: converse, chame o animal pelo nome, acaricie-o, brinque, ofereça guloseimas e/ou alimentos apetitosos, caso os tenha.
- Iniciar com a contenção padrão mais simples para a espécie (em cães, por exemplo, usar mordaça; em equinos, cabresto) e, quando necessário, evoluir para métodos mais enérgicos e radicais (focinheiras, cachimbos, formigas, troncos de contenção). Antes de efetuar qualquer exame, o veterinário deve se informar com o proprietário ou com a pessoa encarregada sobre o temperamento do animal, se o mesmo é dócil e/ou falso, principalmente se o cão for de guarda ou de raças reconhecidamente agressivas, para que se possa escolher o melhor método de contenção a ser empregado para cada caso em questão.

Na maioria das vezes, a contenção mecânica pode e deve ser auxiliada pelo proprietário, cabendo ao examinador à orientação

correta de sua realização. Não é incomum a chegada de pacientes à clínica que, de tão agressivos, os próprios proprietários temem se aproximar, dificultando a realização de um exame físico adequado. Em tais situações, a utilização de focinheira, do cambão e/ou de contenção química é imprescindível. Felizmente, a contenção é bem aceita na grande maioria dos cães, em virtude da boa sujeição desses animais ao ser humano.

Relembrando, deve-se, como abordagem inicial: falar em tom amistoso com o cão; passar a mão sobre o seu dorso, dando-lhe, posteriormente, as costas da mão para cheirar, o que ajudará a captar a sua confiança. Os animais de pequeno e médio porte são mais facilmente contidos, mantendo-os sobre uma mesa de superfície não escorregadia, após a colocação da mordança ou de uma focinheira, o que inibe o animal de querer fugir. Já, cães de raças grandes e/ou gigantes são mais bem imobilizados no chão. A imobilização manual do animal em posição quadrupedal com seu decúbito lateral facilitam a sequência do exame físico e a realização de vários outros procedimentos.

Mordança Simples para Cães

Utilize um cordão de algodão ou tira de gaze resistente com aproximadamente 125 cm de comprimento, vale salientar que o procedimento destacado a seguir pode ser substituído por uma mordança própria utilizada em consultórios.

- Promova uma laçada de duplo nó com o dobro do diâmetro do focinho do animal antes de sua aproximação.
- Coloque a laçada ao redor do focinho, posicionando o nó duplo acima deste. Aperte o nó e cruze as extremidades sob o queixo do cão.
- Desloque as pontas da mordança para que elas permaneçam atrás das orelhas e amarre-as com firmeza; caso contrário, o animal conseguirá tirá-la com as patas dos membros anteriores.

Cuidado: Verificar se há dificuldade respiratória após a colocação da mordança. Em caso afirmativo, ela deve ser prontamente retirada.

Promova uma laçada de duplo nó com o dobro do diâmetro do focinho do animal. (B), desloque as pontas da mordança para que elas permaneçam atrás das orelhas.

Para realizar a contenção:

- Coloque o braço sob o pescoço, prendendo moderadamente como antebraço.
- Passe o outro braço sob o abdome do animal, segurando o membro anterior que se encontra do mesmo lado de quem executa a contenção. Para realizar o derrubamento (animais de pequeno e médio porte):
 - Posicione os dois braços sobre o dorso do animal.
 - Leve-os em direção às regiões ventrais dos membros anterior e posterior (tarso e carpo), localizados próximos ao corpo de quem executa o derrubamento.
 - Puxe o animal de encontro ao corpo do executor e retire, ao mesmo tempo, o apoio dos membros que estavam presos com as duas mãos. Durante a queda, o animal deve ser amparado pelo corpo da pessoa executora, sob o risco de acidentes indesejáveis (fratura de costelas, queda da mesa de exame etc.).
 - Com o animal posicionado em decúbito lateral, prenda os membros anteriores e posteriores com as mãos, colocando os dedos indicadores entre os respectivos membros.
 - Prenda a cabeça do animal com o antebraço mais próximo a ela, mantendo os membros posteriores estendidos.

Veja também outra técnica de focinheira, utilizando esparadrapo:

GATOS

A contenção de gatos é uma das tarefas mais difíceis, requer muitos cuidados como habilidade motora por parte do examinador ou do auxiliar. A contenção de gatos é bem mais complicada que a de cães por:

- a) Serem mais ágeis e se desvencilharem muito facilmente, principalmente quando a contenção for realizada por pessoa inabilitada;

b) Serem animais relativamente pequenos, tornando a sua imobilização mais trabalhosa, o que pode ocasionar acidentes quando se utiliza força excessiva;

c) Se defenderem com as unhas e os dentes;

d) Por possuírem características territoriais, são mais sujeitos ao estresse causado pela mudança de ambiente. Os gatos devem ser mantidos com os seus proprietários (dentro de caixas de contenção ou de transporte) e retirados somente no momento da sua avaliação, já que um conhecimento prévio e demorado do local do exame pode deixá-los irritados ou mesmo agressivos, em virtude dos odores deixados no ambiente por outros animais, principalmente por cães.

A interação veterinário-paciente não é tão fácil como a observada na grande maioria dos cães, mas pode-se tentar uma aproximação do animal como, por exemplo, coçando a sua cabeça, antes mesmo de realizar a contenção.

O primeiro passo na contenção dos gatos é lembrar-se de fechar as janelas e portas do local de exame para se evitar evasão ou acidentes. O exame deve ser inicialmente tentado com o mínimo de imobilização, bastando, para tanto, a colocação de botinhas de esparadrapo após a colocação do animal na mesa. As unhas devem ser aparadas caso haja necessidade de um procedimento de maior duração. Se o animal estiver mantido dentro de caixas de papelão, madeira ou mesmo sacolas de pano, a retirada do animal deve ser feita por seu proprietário.



No mercado há opções que garantem um procedimento clínico mais seguro com o gato (como pode ser visto na imagem acima). Os gatos devem ser examinados, de preferência, sobre uma mesa. Os gatos mudam rapidamente de comportamento e, muitas vezes, a cooperação inicial é substituída por inquietação ou hostilidade. Nesses casos, a contenção manual do gato é recomendada, mantendo-se presa a cabeça do animal dentro da palma da mão do ajudante, os membros posteriores contidos e esticados. Após a colocação do animal em decúbito lateral, pode-se passar uma toalha de mão dobrada em volta do pescoço do gato, mantendo dois dedos entre a toalha e a pele do animal para se adequar a pressão exercida e evitar asfixia.

Gatos muito agressivos ou assustados podem ser segurados pela pele que reveste a porção superior da região cervical, logo atrás das orelhas, o que o impedirá de virar a cabeça e morder a pessoa que realiza a contenção. Uma outra opção seria a junção de ambos os pavilhões auriculares, com os dedos polegar e indicador de uma das mãos. Essa manobra deixa-os imóveis, em virtude da grande sensibilidade que essas estruturas apresentam quando são fortemente comprimidas.

Transporte:
O veículo:



Recomenda-se que:

O veículo esteja em perfeitas condições para utilização e corretamente higienizado.

O compartimento específico destinado ao transporte de animais (carroceria) seja fechado, com sistema de ventilação permanente para circulação de ar, proporcionando conforto e segurança, e seja adaptado para desembarque no local de alojamento dos animais recolhidos; em veículos sem sistema de controle de temperatura e ventilação interna, o recolhimento dos animais seja realizado somente nos períodos mais frescos do dia; a altura do veículo seja compatível com a atividade, considerando-se aspectos ergonômicos, no embarque e desembarque dos animais.

O veículo exiba: a identificação do órgão a que pertence (logotipo, nome); telefone e endereço empresa.

Manejo para o transporte de animais

Recomenda-se:

-> Transportar pequeno número de animais, não excedendo a capacidade prevista; evitar a permanência prolongada dos animais nos veículos;

-> Que os cães sejam transportados em caixas/gaiolas ou compartimentos individuais, de tamanho adequado ao porte, permitindo que possam realizar pequenos movimentos de acomodação no seu interior; que as gaiolas ou caixas de transporte possam ser removíveis e, durante o transporte, mantidas fixas no veículo; que os gatos sejam transportados apenas em gaiolas ou caixas de transporte, nunca soltos nos compartimentos específicos destinados ao transporte de animais dos veículos; que não sejam transportadas espécies diferentes na mesma viagem; que as mães sejam mantidas com as ninhadas; que animais acidentados, com suspeita de doenças infectocontagiosas, feridos, idosos ou cegos sejam rapidamente encaminhados para a clínica veterinária.

Animais com suspeita de doença infectocontagiosa nunca devem ser transportados juntos com outros, para que não haja risco de troca de secreções contaminadas e com isso a contaminação dos demais animais.



Gaiola de contenção: utilizada para administração de medicamentos injetáveis ou tratamento de ferimentos. Possui parede retrátil para restringir ao mínimo a movimentação do animal.



Gaiola ou caixa de transporte: confeccionada em material leve, lavável, preferencialmente impermeável, resistente e com ventilação, sistema externo de fechamento seguro e alças para facilitar o transporte. Sendo utilizada para o alojamento temporário ou transporte do animal recolhido. O tamanho da caixa ou gaiola deve ser compatível com o do animal, de forma a permitir movimentos naturais e transporte confortável.

Nutrição de Cães



O cão há séculos vem acompanhando a espécie humana em seu desenvolvimento, ligado por laços afetivos, como leais companheiros ou até mesmo como fonte de renda. Contudo, apesar dos longos anos de convivência, o ser humano ainda encontra dificuldades em fornecer os cuidados mínimos necessários a seus animais. Os cães constituem entre as espécies animais aquela que maior variação apresenta em seu peso adulto, variando desde as raças miniaturas até as raças gigantes.

A nutrição é a ciência que estuda as necessidades diárias de todos os nutrientes (proteínas, gordura, carboidratos, vitaminas, minerais e água) sendo que os requerimentos nutricionais variam conforme a idade, o estado físico e o modo de vida do animal. O objetivo é fornecer uma dieta balanceada para uma necessidade fisiológica específica e individual para cada estágio da vida e a melhora do desempenho animal.

Uma nutrição adequada é um fator determinante para um correto desenvolvimento do filhote e propicia condições para uma excelente saúde geral e desempenho futuro. Uma nutrição inadequada, excesso ou deficiência de nutrientes pode resultar em alterações fisiológicas, predispondo o organismo animal a sérios problemas, como o mau desenvolvimento corporal e má constituição óssea, obesidade e alterações reprodutivas.

Métodos alimentares:

Há três métodos de alimentação: livre escolha, alimentação de tempo controlado, e a alimentação com rações controladas. A livre

escolha é quando há mais alimento do que o animal consome e sempre disponível, onde se limpa o prato do animal todo dia e renova-se o alimento. A alimentação de tempo controlado fornece ao animal mais alimento do que ele consome dentro de um período, geralmente entre 5-30 minutos e depois se retira. Na alimentação com ração controlada administra-se ao animal uma quantidade específica de alimento, porém inferior à quantidade que o cão comeria se o alimento não fosse restrito. Ambas as alimentações são administradas uma ou mais vezes por dia.

O método de livre escolha apresenta algumas vantagens como: causa um efeito de tranquilidade ao ambiente, desestimula a coprofagia, e diminui a agressividade entre os animais. Mas também apresenta desvantagens: o cão com anorexia não é diagnosticado, principalmente quando possui mais de um cachorro, outro problema é que o cão pode vir a ficar obeso. Esse método pode ser variado entre os cães, pois alguns comem em pequenas refeições várias vezes ao dia, enquanto outros comem uma grande refeição uma vez ao dia. Recomenda-se que seja utilizada em filhotes que já alcançaram 90% de peso adulto, prevenindo doenças esqueléticas.

A alimentação com refeições controladas é o melhor método, pois permite ao criador muito controle sobre a dieta do animal. Esse método permite que o proprietário acompanhe o consumo alimentar do animal e observe qualquer alteração na ingestão ou comportamento alimentar. A desvantagem é que requer mais tempo e conhecimentos do criador, normalmente esse problema ocorre quando há muitos animais.

Animais alimentados somente durante a noite suplicam alimento o dia todo e são inquietos, e os que são alimentados durante a manhã suplicam janta e choram durante a noite, portanto para minimizar esses problemas o melhor é uma alimentação pela manhã e uma pela noite que também previne a dilatação gástrica aguda e vôlvulos e torções.

Evitar aperitivos e restos, o excesso desses alimentos resulta em dieta inadequada, desbalanceada e obesidade. Evitar doces, ossos pequenos, ossos de galinha, pois podem acomodar-se na boca ou no trato gastrintestinal, e quebrar os dentes. A dieta apropriada é rica em fibras, pois aumenta a quantidade gastrintestinal e diminui a densidade calórica tendo como

desvantagem a quantidade de fezes produzidas em maior quantidade, mas é vantagem no tratamento da coprofagia. Os carboidratos fornecem energia. E os principais minerais são o cálcio e o fósforo que são úteis nas ossificações e formação de dentes. A deficiência de nutrientes é comum em cães alimentados com dietas pobres, inadequadas ou caseiras.

Tipos de rações:

Existem vários tipos de alimentos comerciais como: seca, semiúmida e úmida. A ração enlatada (úmida) é rica em calorias e gorduras, usualmente 80-83% de água, sendo assim, para que o animal receba uma dieta balanceada através da ração úmida, deve ingerir a quantidade de latas indicada pelo fabricante diariamente, já que grande porcentagem da ração é água, o animal pode correr o risco de ficar com uma subnutrição ao comer quantidades menores que o indicado. portanto é uma ração desbalanceada. A ração semiúmida tem 55% água e alto nível de sal e açúcar para a preservação. E a ração seca tem somente 9-11% água e pode apresentar a mesma qualidade de ingredientes que os outros tipos, desde que tenham sido utilizados ingredientes com a mesma qualidade e digestibilidade para sua fabricação, mais econômica, fáceis de usar e armazenar, mais barata, palatável, menos odor e muito melhor para o cão porque os animais que se alimentam de ração seca apresentam menos desarranjo intestinal, diarreia ou constipação, menos problemas com ganho de peso e ajuda no controle de placas dentárias. É importante administrar água fresca, para reidratar a digestão estomacal, principalmente de animais que comem ração seca.

As rações comerciais são formuladas para conter a quantidade adequada de nutrientes quando proporciona ao animal uma quantidade de alimento adequada as suas exigências nutricionais desde que seja selecionada uma ração com boa qualidade de ingredientes, proporção corretas de proteínas, extrato etéreo e carboidratos, preferencialmente rações premium e super, portanto quando os proprietários optam pela comida caseira, deve-se ter a preocupação de assegurar que a dieta seja completa e equilibrada e que seu teor nutricional e ingredientes sejam sempre os mesmos.

A cadela lactante:

A fêmea lactante deve receber todos os nutrientes na sua dieta, pois o leite é a principal fonte alimentar para os filhotes após o

nascimento. Recomenda-se fornecer um alimento de qualidade, incluindo altíssima palatabilidade para estimular a alimentação, alta digestibilidade para reduzir o volume e alto teor energético, sendo administrado através de várias pequenas refeições diárias, proporcionando condições para a produção de leite suficiente, do filhote. (feto apenas na barriga) atendendo a demanda dos filhotes nas primeiras três semanas de idade.

Durante a lactação há um aumento da necessidade energética e de outros nutrientes, portanto, recomenda-se um alimento extra e de boa qualidade durante esse estágio da vida. O carboidrato é um componente indispensável. Há alguns cuidados que devem ser seguidos durante a amamentação como: oferecer uma dieta altamente digestível e rica em nutrientes, fornece a quantidade adequada de calorias para prevenir uma excessiva perda de peso, administrar de duas a três vezes a quantidade de alimento necessária à manutenção durante a lactação, no auge da amamentação optar pela dieta de livre escolha e dar pequenas quantidades de alimentos várias vezes ao dia, água limpa e fresca sempre à disposição, e após a quarta semana reduzir lentamente a quantidade de comida oferecida à cadela.

O conteúdo de lactose do leite de vaca é quase três vezes maior que o da cadela. E o leite da vaca contém 15% a menos de proteína do que o da cadela. O leite da cadela possui alto teor de gordura e proteína, sendo assim o seu valor energético é duas vezes maior. Portanto, se filhotes são alimentados com o leite da vaca, podem desenvolver um quadro de diarreia devido à intolerância à lactose.

A nutrição do filhote na amamentação:

Nas primeiras 12 horas de vida, o filhote recebe o colostro, este fornece nutrientes, água, fonte de crescimento, enzimas digestivas e imunoglobulinas materna, importantes para o crescimento e desenvolvimento fetal. Nas três primeiras semanas de vida, o filhote é amamentado, recebendo somente o leite materno, e apresenta 10% ganho de peso por dia. Se a amamentação não é adequada, o filhote apresenta choro constante, preguiça e perda de ganho de peso. O leite materno melhora a absorção de nutrientes, controla o crescimento e desenvolvimento neonatal, e auxilia na colonização de epitélios com bactérias benéficas. A amamentação máxima do filhote, ou seja, quando ele mais mama

ocorre por volta da terceira ou quarta semana após o parto e segue-se a introdução de uma dieta sólida ou semissólida para os filhotes. Após a quarta semana, a quantidade de leite consumida pelos filhotes diminuí e aumenta gradualmente a ingestão de alimentos sólidos.

Portanto a alimentação recomendada ao filhote é a de livre escolha, pois o alimento fica disponível ao filhote e encorajá-lo a consumir alimento sólido mais cedo. Se optar por refeições realizar no mínimo três refeições diárias. Caso a amamentação não seja eficaz, é necessário alimentar os filhotes com um substituto de leite, podem ser feitos em casa, ou vendidos comercialmente. Utiliza-se de 3 a 4 refeições diárias, o leite deve ser aquecido a 37,8°C. Administrado na mamadeira, seringa ou tubo alimentar.

A nutrição no desmame:

O desmame deve ocorrer por volta de seis semanas de idade. O desmame precoce ou separação prévia da mãe, pode levar a má nutrição ou inúmeros problemas comportamentais mais tarde, portanto recomenda-se o desmame completo quando o filhote estiver com no mínimo seis semanas e o contato com humanos já tenha sido estabelecido. Caso a ninhada apresente um crescimento lento, recomenda-se o uso do substituto de leite. Essa mudança deve ser gradual.

A nutrição no desmame é realizado da seguinte maneira: um mingau grosso, ou seja, uma mistura feita com comida seca misturado com três partes de água ou duas partes de comida enlatada com uma parte de água. O mingau é colocado em um prato raso ou força-se à alimentação usando uma seringa. O filhote é encorajado a lamber, ou o alimentador coloca o dedo no mingau e depois dentro da boca do filhote. Assim que o animal está comendo o mingau, gradualmente reduz a água, até que esta seja totalmente eliminada. E introduz o alimento seco com seis semanas de idade.

No desmame recomenda-se várias refeições diárias. Em cada alimentação o filhote recebe 15-20 minutos para alimentar-se e então se remove a comida. Após os seis meses para raças pequenas e médias e nove meses para raças grandes e gigantes o ideal é duas refeições diárias em horários regulares.

O desafio da alimentação de crescimento dos filhotes é fornecer energia adequada e nutrientes essenciais e evitar a taxa de crescimento rápido. Uma alimentação de crescimento apropriada fornece nutrientes adequados e energia em volumes que podem ser facilmente consumidos pelo filhote. Suplementação com carne, restos de refeições ou outros itens não é recomendado, porque provavelmente causam uma nutrição deficiente ou excesso, ou ambos. É importante que um bom alimento formulado com boa qualidade para filhotes seja administrado diariamente com intervalos regulares e que tenha água fresca e limpa na tigela todo o tempo.

Cuidados nutricionais dos filhotes em crescimento:

O crescimento do filhote inclui manutenção necessária similar ao adulto, energia e substratos necessários para o crescimento tecidual rápido. Caso a taxa de crescimento seja lenta há uma deficiência nutricional. Na fase do crescimento o veterinário deve avaliar o animal, peso corpóreo, condição corporal, a dieta, e o método alimentar.

O objetivo da alimentação é atender ao crescimento complexo, a interação entre nutrientes, genótipo, meio ambiente, hormônios e receptores, portanto é necessário administrar uma dieta adequada. Há alguns objetivos a serem seguidos, como: a dieta deve conter uma correta quantia e equilíbrio de nutrientes de modo que suporte todas as funções corpóreas normais, ser palatável e digestível para encorajar o consumo adequado, a alimentação deve permitir o desenvolvimento normal do filhote, a sua atividade e a sua saúde, o crescimento deve ser alcançado em uma taxa que permita que o filhote manifeste o seu potencial genético, sendo assim os ossos longo são capazes de crescer longitudinalmente antes do fechamento dos discos epifisários, isso deve ser feito de maneira controlada para que o crescimento não seja feito de maneira rápida demais, que pode levar o animais a problemas osteomusculares.

Alimento de alta digestibilidade há maximização do uso de nutrientes consumidos. O alimento digestível e com boa densidade energética é essencial para o crescimento animal, pois os cães em crescimento necessitam de mais nutrientes, pois possuem uma capacidade digestiva menor, boca menor, dentes menores e consomem menores quantidades de alimentos.

Um sinal importante de saúde do filhote é o adequado ganho de peso corporal. As dietas comerciais são ideais e devem ser administradas até que o filhote alcance 75% do peso adulto. Os alimentos de difícil mastigação mantêm o filhote entretido e melhora a saúde dos dentes, exercita a gengiva e limpa os dentes. Sugere fornecer água a vontade, porque o animal não pode perder mais do que 15% de sua água corpórea. Este é o nutriente mais importante.

Recomendam-se duas refeições diárias, permitindo que o filhote se alimente aproximadamente por 20 minutos para comer a quantidade desejada. A suplementação com carnes, restos, ou quaisquer outros itens podem gerar um desequilíbrio nutricional ou até mesmo uma alimentação seletiva, ou seja, o animal pode apresentar alguma restrição nutricional. Os filhotes em crescimento requerem duas vezes mais energia por unidade de peso corpóreo do que os cães adultos. Os cães requerem energia para o crescimento rápido, termorregulação e manutenção.

Cuidados nutricionais dos órfãos:

A morte da mãe após nascimento dos filhotes, fêmeas doentes, ou que abandonam a cria, instintos maternos pouco desenvolvidos, filhotes grandes, são as causas de filhotes órfãos. Há duas possibilidades para cuidar do filhote, a primeira é a substituição da mãe ausente por outra em estágio de lactação apropriado, esfregando os recém-nascidos com um pano com o cheiro da mãe adotiva e da secreção de seus filhotes, se isso não for eficiente o proprietário deve substituir as funções da mãe como: nutrição, manutenção da temperatura corpórea, e estímulos que garantam a realização das funções vitais dos recém-nascidos.

A alimentação pode ser de forma artificial, através do fornecimento de leite com formulação preestabelecida. As fórmulas comercialmente preparadas são preferidas para a alimentação de filhotes órfãos, mas as fórmulas caseiras também podem ser utilizadas.

Os filhotes órfãos devem ser alimentados quatro vezes por dia, com a fórmula quente e sempre com o material limpo. Depois de alimentados o abdome fica dilatado, o alimento é suficiente quando satisfaz o apetite do órfão. Para a alimentação utiliza-se colher, conta gotas esses são mais prováveis de resultarem em pneumonia aspirativa, melhor recomendado mamadeira ou tubo

alimentar. Nas primeiras semanas de vida, após alimentação deve-se fazer o animal soluçar, lavar a área genital com água quente e algodão úmido para estimular micção e defecação. Na alimentação do filhote órfão é mais utilizado o tubo alimentar, utiliza-se um tubo infantil número 5 para filhotes pesando menos do que 300g e o número 8-10 acima de 300g. O comprimento do tubo vai da narina até a última costela do animal.

A boca do animal é aberta levemente, com a cabeça do animal na posição de amamentação, introduz o tubo alimentar, caso sinta uma obstrução ou tosse significa que o tubo está na traqueia, e se continuar a injetar o alimento, o animal apresenta pneumonia aspirativa ou se sufoca. Se isso não ocorrer, o tubo está no local certo, portanto lentamente administra-se o leite por um período de 2 minutos para permitir o enchimento lento do estômago. O tubo é retrocedido após administração de metade da refeição, o animal arrota e insira novamente o tubo e o resto da refeição, então o animal arrota novamente, estimula micção e defecação, e o abdome fica redondo e cheio. Se ocorrer regurgitação do leite, o tubo é retirado, interrompe-se a alimentação até a próxima refeição. Alimentação exagerada é uma causa comum de diarreia em cães órfãos.

Quando o filhote órfão estiver entre três e quatro semanas de idade introduz a alimentação sólida, e água sempre à vontade, permitindo que o animal acostume-se a mastigar e deglutir alimento sólido possibilitando que seu conduto gastrintestinal adapte-se ao novo alimento, e com seis ou sete semanas de idade o filhote só consome alimento seco normal especial para cães filhotes. A partir da terceira semana deve-se oferecer alimentos enlatados de boa qualidade sozinhos ou associados com o substituto do leite. O desmame não deve ocorrer até os filhotes atingirem seis semanas de idade.

Alguns cuidados devem ser seguidos para a alimentação do filhote órfão como: proporcionar um ambiente cálido e limpo, ao abrigo das correntes de armazenamento, alimentá-los com um substituto do leite e estimar a quantidade correta de preparado, baseando-se no peso e idade do animal, dividir a alimentação em quatro ou cinco refeições diárias. Alimentação com mamadeira ou sonda e pesar os órfãos regularmente, uma vez por dia, na primeira semana e duas a três vezes por semana nas seguintes, começar

com o alimento semissólido as três ou quatro semanas de idade, mudar para alimento seco para animais às seis semanas de idade.

Nutrição de Gatos



Nutrição felina: entenda como funciona a alimentação do gato.

O que precisa ser inserido na alimentação de uma gata em gestação ou lactação?

As gatas gestantes e lactantes têm um gasto de energia muito maior do que as felinas em manutenção durante a fase adulta, essa necessidade é de 2 a 4 vezes a mais. Então, por este motivo o alimento da gata gestante ou da fêmea lactante deve ter uma quantidade maior de gordura, pois ela é uma fonte importante e vai ajudar a aumentar a quantidade de energia. Além disso, é interessante que se tenha mais proteína na alimentação do pet, porque isso ajudará os filhotes a crescerem dentro do útero, principalmente pelo fato da proteína estar ligada ao crescimento da ossatura e de todos os órgãos. A proteína é importante também na lactação para a produção de leite de qualidade.

Depois da castração, os felinos tendem a diminuir o gasto de energia e isso pode gerar um aumento de peso.

Como o proprietário pode controlar isso por meio da alimentação?

Após três semanas da castração os níveis hormonais reduzem e o metabolismo do animal se modifica, conseqüentemente, ele passa a gastar menos energia e a engordar. Então, para que isso seja prevenido é preciso introduzir alimentos com pouca gordura e carboidratos reduzindo, evitando que esses animais engordem. O dono ainda pode optar pelo alimento light ou alimentos específicos

para gatos castrados, que são mais ricos em proteínas, no entanto deve-se atentar ao tempo de utilização de rações hiper proteicas, pois podem favorecer desenvolvimento de doenças do trato urinário.

Qual tipo de alimentação deve ser inserida para gatos em período de desmame?

O desmame é uma fase importante, acontece entre os 30 e 60 dias de vida do animal. Neste período, toda imunidade adquirida nos primeiros dias de vida, chamada imunidade do colostro - provinda pelo leite da mãe - vai diminuindo conforme o passar do tempo. Em contrapartida, ao chegar, em média, nos 40 dias de vida, o período de vacinação tem início. Então, a imunidade do colostro está diminuindo e a da vacina aumentando, tornando o animal imune as doenças. A nutrição pode ajudar nesse período, uma vez que, dentro dos alimentos de boa qualidade existem nutrientes que auxiliam na imunidade, entre eles o MOS (Mannan-Oligossacarídeos). Este nutriente é um açúcar que aumenta a produção de imunoglobulina, que está relacionada à imunidade. Portanto, para o gato em desmame é importante introduzir um alimento que tenha uma quantidade ideal de MOS. Outros nutrientes também podem ser inseridos em quantidades certas e provindos de alimentos de qualidade, como a proteína e gordura, já que esse animal está saindo do leite materno que, por sua vez, é rico em ambos os nutrientes.

E em fase de crescimento, qual a alimentação adequada?

Por crescimento, consideramos o período que vai do nascimento até os 12 meses de vida. O animal, além de estar mais ativo do que na fase adulta, tem uma característica principal: estar crescendo. E toda vez que pensarmos em crescimento, devemos inserir uma boa quantidade de proteína e de minerais como cálcio e fósforo. Hoje, nos alimentos de boa qualidade, a relação de cálcio e fósforo já é ideal, assim como a de proteína. É importante que isso seja frisado, porque quando aconselhamos o proprietário a introduzir mais cálcio e fósforo ele vai até o pet shop comprar suplemento mineral e isso não é necessário, um alimento super premium já vem equilibrado para isso. E a única pessoa preparada para prescrever a suplementação é o médico veterinário.

Qual a alimentação ideal para um gato adulto?

O alimento do gato adulto é o que chamamos de base. É preciso que ele tenha uma boa quantidade de proteína e gordura. O alimento adulto tem, em nível ideal, 32% de proteína e 15% de gordura em sua alimentação. Em comparação ao gato adulto castrado, o alimento do animal em manutenção tem mais energia.

Como distribuir o alimento ao longo do dia para o felino?

Os gatos, diferentes dos cães, têm hábitos noturnos. O felino dorme durante o dia e tem vida ativa à noite. Acontece que os proprietários saem para trabalhar de manhã, ou ainda por hábito, pegam a vasilha, colocam a quantidade de alimento e deixam para o animal. O gato, geralmente, não come durante o dia, ele espera o dono chegar, faz um carinho e a noite ele vai se alimentar. O correto é oferecer a porção de alimento fresco ao anoitecer, pois um gato adulto chega a se alimentar 20 vezes durante uma única noite. Decorrente deste hábito dos donos muitos gatos se adaptam a rotina de alimentação imposta a eles, mas o correto é que o alimento fresco seja dado no período noturno, porque todo organismo desse animal está preparado para recebê-lo e fazer a digestão à noite.

O que deve ser evitado na alimentação dos felinos?

A primeira coisa a ser evitada, é oferecer muita energia a energia é dada principalmente pelos carboidratos e não pela gordura, sendo assim o que deve ser evitado é uma ração com alto teor de carboidratos, que no excesso serão em partes armazenados no fígado e em parte serão armazenados como gordura, levando a obesidade. Além disso o excesso de carboidrato leva o animal a defecar mais e com odor pior, pois o animal precisa comer uma quantidade maior de ração para obter a proteína necessária, já que a ração é rica em carboidrato. Além de obesidade pode acarretar outras doenças decorrentes da obesidade, como artrose, cálculos urinários e problemas de pele. Outro alimento que o proprietário deve evitar, pois não faz bem para o gato, é o leite. As pessoas passaram a acreditar que o gato precisa tomar leite por conta dos desenhos, mas isso não é verdade. O leite de vaca, que normalmente é o oferecido para o gato, é rico em lactose, que nada mais é do que o açúcar do leite, mas os gatos não produzem a enzima chamada lactase. A lactose precisa da lactase para ser digerida para que o animal absorva o nutriente, como não há essa produção suficiente os felinos começam a ter fezes amolecidas e

assim começam outros problemas, porque se há fezes amolecidas isso quer dizer que não há absorção dos nutrientes. O alimento caseiro que é rico em carboidratos deve ser evitado, para não desbalancear a alimentação, pois os felinos são animais carnívoros.

Porque os gatos são chamados de Carnívoros Obrigatórios/Estritos?

Gatos, diferentes dos cães, são animais estritamente carnívoros, isso quer dizer que a sua fisiologia está preparada para ingerir, digerir e absorver alimentos de origem animal com mais facilidade, como, por exemplo, proteínas e gorduras, e conseqüentemente, tem mais dificuldades de digerir carboidratos, por isso alimentos para felinos devem ser baseados em proteínas e gorduras de origem animal, e preferencialmente, com restrição de carboidratos.

É mito ou verdade que os gatos não gostam de tomar água?

Não é que o gato não tem vontade de tomar água, acontece que o felino gosta de beber água corrente. Por exemplo, temos um rio e um lago e o gato precisa escolher em qual tomar água, ele certamente irá escolher o rio porque a água não está parada. Nós domesticamos o gato, o colocamos dentro de casa e oferecemos água para o animal numa vasilha onde ela fica parada, por isso ele vai beber muito pouco daquela água. É comum abrirmos a torneira e o animal tomar água direto dali isso acontece porque ela é corrente. Para driblar a dificuldade de felinos beberem água é interessante que sejam feitos bebedouros que simulem água corrente, através de bombas, e ainda oferecer uma porção de ração úmida diariamente pode ser uma opção benéfica para diminuir o efeito da baixa ingestão de água.

Desmame Constitui uma necessidade fisiológica, tanto para o gatinho como para a mãe. O gatinho evidencia necessidades nutricionais crescentes enquanto a lactação começa a decrescer por volta da 5ª ou 6ª semana após o parto. A alimentação láctea passa então a ser insuficiente para satisfazer as exigências da ninhada. Paralelamente, o gatinho desenvolve-se, as suas capacidades digestivas evoluem e o seu organismo prepara-se para uma alimentação sólida. A boa nutrição não envolve apenas ingredientes — envolve também o equilíbrio correto dos nutrientes. Alimentar um gato com uma dieta de balanceamento nutricional inadequado pode causar ou agravar uma vasta gama de problemas de saúde.

Proteína:

Carência: crescimento deficiente

Excesso: pode exacerbar uma doença renal pré-existente

Gordura:

Carência: pele descamativa

Excesso: obesidade levando à diabetes

Sódio:

Carência: incapacidade de manter o equilíbrio hídrico. Anorexia, fadiga, perda de pelos.

Excesso: hipertensão, doenças cardíacas, constipação, convulsões.

Cálcio:

Carência: fraturas espontâneas

Excesso: cálculos vesicais

Fósforo:

Carência: crescimento deficiente, pelagem sem brilho.

Excesso: endurecimento de tecidos moles; hiperparatiroidismo.

Fibra Dietética:

Carência: constipação

Excesso: constipação

Vitaminas:

Carência: anorexia, crescimento deficiente, raquitismo (vitamina D).

Excesso: hipercalcemia (vitamina D) e deformidades esqueléticas (vitamina A).

Magnésio:

Carência: anorexia, limitação de crescimento, fraqueza muscular.

Excesso: estruvita, cálculos vesicais.

Estética Animal



Os animais de estimação exigem cada vez mais cuidados. E isso inclui o item beleza. Muitas vezes os proprietários adquirem um “animalzinho” e acreditam que eles necessitam somente de alimentação, vacinas e carinho. Não sabem, porém que seu cão necessita de ter higiene de uma forma ampla, que inclui periodicamente banhos e tosas, corte de unhas, limpeza dos ouvidos, dos olhos e escovação dos dentes.

A tosa ou grooming é uma arte que se desenvolveu com o passar do tempo, tendo a função não só da estética (como esconder alguns defeitos e ressaltar outras qualidades), mas também, função de higiene e conforto para o animal.

Banho, tosa, condicionamento do pelo e tratamento das orelhas e unhas são os itens básicos de qualquer tratamento de beleza de pets. No caso de algumas raças, o banho talvez seja um dos mais importantes. Isto porque um banho inadequado para uma raça pode prejudicar o aspecto do pelo ou mesmo deixá-lo impróprio para a tosa.

O ideal é que o animal vá desde cedo (filhote) para os serviços de banho e tosa, para assim ir se acostumando com o tosador e as práticas de higiene. A partir de três meses ele já pode frequentar fazendo tosa higiênica sendo que o ideal é que esteja com a vacinação completa, para que não corra risco de se contaminar com outros animais presentes no Pet Shop. Não se recomenda mais de um banho por semana, sendo em animais de pelos longos

(poodle, shi-tzu, lhasa, apso, etc.) a necessidade semanal para evitar que se embolem os pelos e nos animais de pelos curtos (dachshund, pinscher, basset hound) pode se espaçar para cada 10-15 dias.

O BANHO

Quantas vezes um cão deve banhar-se? A resposta difere de acordo com a raça. O poodle, por exemplo, deve ser banhado a cada quatro ou seis semanas. Já o pointer pode esperar aproximadamente três meses por um bom banho. Em geral, cães mantidos em casa pedem banhos frequentes por questões de higiene. Antes do banho, deve-se escovar bem o pelo, a fim de remover os pelos mortos e desemaranhar a pelagem.

O desemaranhamento do pelo é melhor realizado com uma rasqueadeira e um pente de nós. Os utensílios normalmente usados para a prática são xampu (existem aqueles especiais para acondicionar o pelo e os próprios para cada cor de pelagem), escova de cerdas, esponja, esteira de borracha para a banheira, duas toalhas de tamanho grande, corrente e “enforcador” (para não deixar que o animal escape da banheira), mangueira com spray (esguicho) e creme rinse (para cães de pelo longo, exceto poodles e terriers). Muitos desemaranhamentos devem ser feitos antes do banho, porque a água tende a apertar os nós, dificultando sua remoção.

A SECAGEM

Existem várias maneiras de se secar o pelo. O primeiro método (embora o mais difícil) é afotá-lo, usando um secador de chão de alta velocidade. Muito usado em cães de raça poodle, afghan, sheepdog e maltês, é importante não só porque seca, mas também por estreitar o pelo.

O segundo método de secagem é conhecido como secagem em canil ou gaiola e é geralmente usado em cães de pelo curto ou em cães que não exijam uma aparência de pelo esticada ou felpuda. O terceiro método é a toalha e é adotado para raças pequenas e de pelo duro, como o chihuahua, o pinscher miniatura e o manchester terrier toy.

TOSA

Existem dois tipos de tosa: o timing (especial para exposição) e o grooming (mais usado para cães domésticos). Para o grooming,

ou tosa comum, usa-se tanto a tesoura como o cortador. Quando for usar o cortador, é importante manter o pulso flexível no caso de o cão mover-se subitamente. Usa-se o cortador, em geral, seguindo a direção do pelo. Cortar com a tesoura é uma arte um pouco mais lenta de se adquirir e requer mais horas de prática.

UNHAS

Muitas raças precisam de um corte de unhas a cada quatro ou seis semanas. Para isso, há uma grande variedade de cortadores: o tipo tesoura (para cães pequenos), o tipo guilhotina (para cães médios) e o tipo alicate pesado (para cães grandes).

É importante conhecer as características e hábitos do cão: Cada cão tem um tipo de pelagem e um tipo de necessidade de cuidados diferentes, é importante que o dono as conheça. Cães de pelo longo necessitam de escovação regular para não causar nós. A tosa também é necessária em épocas mais quentes. Há pelos longos que vão dos mais finos aos mais grossos, quanto mais fino e liso o pelo do cãozinho, maior deve ser o cuidado com ele.

Há cães que possuem dupla pelagem que, além dos pelos comuns, também possuem sub pelos. Essa dupla pelagem é uma proteção extra que algumas raças possuem de acordo com a sua evolução e necessidade. Esses tipos de cães também necessitam de escovação regular, se tiverem pelos mais compridos, para evitar o acúmulo de pelos soltos.

Alguns cães possuem uma tendência maior a desenvolverem problemas de pele, nesse caso, o banho e a tosa são extremamente necessários para evitar que esses problemas se desenvolvam. Há raças em que o cuidado com os olhos deve ser redobrado, pois ela tem uma predisposição maior a produzir bactérias nocivas. A limpeza diária é necessária.

Conhecer os hábitos do cão também é importante para saber quanto banho ele necessita e quão frequente deve ser a tosa do cão. Cães que costumam ficar muito tempo em ambientes externos tendem a se sujar com mais facilidade, e cães que vivem em apartamentos precisam de banhos mais regulares pelo cheiro.

Banho demais também faz mal

Animais não são como humanos, que precisam tomar banhos diários. Assim como há bactérias nocivas para o animal, também há aquelas necessárias que se desenvolvem para proteger o cão.

Banho toda a semana pode gerar problemas sérios para o bichinho. Algumas raças têm necessidade de banhos mais frequentes, outras não, é sempre bom ficar de olho nisso. A tosa também deve ser no momento certo, pois ela não serve somente para deixar o cão mais bonito, e sim para protegê-lo da temperatura e vice-versa, ou evitar que o cão se suje mais e crie mais nós se o pelo dele tiver mais predisposição a isso. A higiene e os cuidados de banho e tosa com o cão são deveres do dono, pois o bichinho de estimação é dependente do seu dono e merece se sentir bem.

Além de remover a proteção do seu bichinho de estimação, levando ao surgimento de fungos e alergias, banhos frequentes podem aumentar a produção de sebo e conseqüentemente o odor dele. Dê banhos apenas na frequência indicada para seu bichinho e no meio tempo escove seu pelo de acordo com a necessidade de cada raça, removendo assim células mortas e pelos soltos. Algumas dicas Banho em filhotes deve ser dado após dois meses de vida, usando produtos próprios para eles. O banho em pet shop só é válido após seu cão ter sido vacinado e vermifugado, desse modo o primeiro banho dele será em casa. Alguns veterinários podem indicar banho, mesmo em casa, apenas após o término das vacinas e vermifugação.

Além das chances de pegar doenças quando o filhote não tomou todas as vacinas, ele também corre o risco de ficar muito estressado na primeira experiência com banho, por isso o banho em casa é mais indicado, pois o dono pode acalmar seu cãozinho.

Se o dia do banho de seu cão ainda não chegou, mas seu cheiro está muito forte, uma opção é usar produtos de banho seco. O próprio dono pode aplicar e remover a sujeira superficial do pelo do pet, minimizando assim o odor até o próximo banho. Essa opção também é válida durante o inverno. Aproveite o dia do banho para promover a limpeza de outras partes do corpo de seu cãozinho. Limpe os ouvidos para evitar o acúmulo de cera, escove os dentes com creme dental e escova, próprios para cachorros, e apare as unhas de acordo com o crescimento delas.

O passo-a-passo do banho

Escolha as horas mais quentes do dia para dar banho em seu cão e separe tudo o que for necessário antes de começar o banho para não deixar o pet sozinho durante o processo;

Antes do banho é muito importante que o pelo do cachorro seja escovado, removendo pelos mortos e melhorando bastante a eficácia de limpeza dos shampoos. Para algumas raças, geralmente as com pelos longos e finos, é possível usar produtos que desembaracem os pelos, facilitando o processo de escovação;

A escovação é um processo importante e que deve ser realizado com calma e carinho, tenha paciência, penteando a pelagem de maneira firme, mas cuidadosa, principalmente quando for desfazer nós. Se aplicar força demais o pet se machuca e pode ficar traumatizado;

O ideal é dar banho com água morna para maior efeito do shampoo e comodidade do bichinho. Durante o banho o mantenha preso por uma coleira e guia curta, mas nunca deixe seu cachorro sozinho e preso durante o processo; em dias quentes utilize água em temperatura ambiente, mas nunca fria demais. Os produtos utilizados devem ser próprios para cachorros, além disso, a escolha deve ser baseada de acordo com o tipo de pelagem para não a danificar e conforme as condições da pele.

Sempre tome cuidado especial com a região da cabeça, evitando que os produtos entrem em contato com os olhos e usando algodão nos ouvidos para que água não entre no canal auditivo, lembrando-se de secar as orelhas após o banho. Dê atenção especial para os seguintes locais: virilha, axilas, locais com dobras, nunca se esquecendo de lavar as patas e entre os dedos, inclusive quando o cão apresenta membranas.

O condicionar é indispensável, especialmente para cachorros com pelagem longa. Ele pode ser aplicado direto no pet ou adicionado à água utilizada para o enxague. Na hora de secar utilize toalhas e secador se o seu cãozinho permitir, tirando o excesso de água o máximo possível com a toalha. Em cães de pelo longo sempre desembarace os pelos. Se quiser passe perfume em seu cachorro após o banho, mas fique atento aos riscos de seu pet ter alergia ao produto. Além disso, não exagere, sempre tenha em mente que

se cão vai ter cheiro de cão mesmo após o banho; aproveite o momento de banho para verificar se o seu cão não apresenta problemas de pele ou pulgas e carrapatos.

Vale a pena dar uma recompensa após o banho para o seu pet, assim ele vai entender que o banho é uma coisa boa, não um inimigo dele.

Banho terapêutico

Além do banho estético, esse banho comum que tem como finalidade manter seu cachorro limpo e cheiroso, também realizado antes do procedimento de tosa, existe o banho conhecido como terapêutico. No banho estético o shampoo utilizado é simples e voltado para uso em cães, sem qualquer princípio ativo, enquanto no banho terapêutico é utilizado um shampoo indicado por um veterinário para tratar uma dermatopatia.

A dermatopatia é qualquer doença que possa afetar a pele e/ou o pelo do cão, incluindo pulgas e carrapatos, com um shampoo próprio que vai agir diretamente sobre o problema sem deixar resíduos que o pet possa tentar lamber. No banho terapêutico existe a preocupação com a forma de aplicação do produto, a necessidade ou não de enxague e o tempo de ação, entre outros cuidados. Por se tratar de um tratamento o banho deve ser dado por um banhista especializado ou pelo dono do bichinho seguindo estritamente as recomendações de um veterinário, pois os princípios ativos do produto podem desencadear efeitos adversos.

A frequência de banho também pode ser alterada, em alguns casos o médico veterinário pode indicar o banho terapêutico a cada dois dias até que a melhora da doença. Alguns animais podem precisar desse cuidado para o resto da vida. Apesar de o uso desse tipo de produto estar crescendo, só utilize quando indicado por um profissional.

Ferramentas no processo de banho e tosa

Tipos de escova, luvas e especificações:

- Escova de Pinos (Pin brush): usada para massagem e separação dos fios.



- Pin Palm Brush: ideal para remover o pelo morto do cão.



- Luva de arame: usada em cachorros com camadas de pelo, como o Basset Hound.



- Luva de borracha: faz a remoção da pelagem morta em cães de pelo curto.



- Escova de cerdas naturais: utilizada em cães que apresentam pelagem sensível.



- Rasqueadeira: uso especial para retirada de pelos mortos.



Escovas para tipos de pelos diferentes

Tipos de pelos:

- Liso, curto e com camadas: escova de cerdas e escova do tipo luva de borracha.
- Liso, curto e sem camadas: escova do tipo luva de borracha.
- Longo, áspero e liso: rasqueadeira e pin brush.
- Longo, áspero e crespo: Pin brush, pente e rasqueadeira.
- Longo, duro e crespo: Pente e rasqueadeira.
- Longo, macio e liso: Pin brush e pente de aço.

Como Iniciar?

Faça uma escovação completa: retire os nós, amacie os pelos e, se for necessário, separe as camadas para a tosa. Na hora de tosar, verifique o tipo de lâmina ideal para a raça e quais partes devem ser tosadas e cortadas. Cuide para não machucar a pele do animal e tenha atenção redobrada nas partes mais sensíveis. Estude também o estilo da tosagem e quais as partes que devem permanecer intactas. Após a retirada dos pelos, faça os acabamentos com a tesoura e emparelhe os fios.

Máquina x tesoura

As duas ferramentas apresentam características diferentes e o uso varia de acordo com o tipo de pelagem do cão. A tesoura tem a função de fazer os ajustes nas regiões em que a densidade do pelo deve ser mantida. A ferramenta também é utilizada para tirar os excessos e corrigir possíveis erros cometidos pela máquina. A maioria dos cães exige mais o uso da máquina do que da tesoura, principalmente os mais peludos.

A máquina deve ser utilizada com a lâmina certa, para que o corte seja feito na altura ideal. Após a tosa, a tesoura costuma ser necessária para os acabamentos.

Dicas e cuidados

Antes de começar a escovar, umedeça o pelo do animal para facilitar o processo. Não faça movimentos agressivos, mas seja firme na hora de separar a pelagem. Evite tocar na pele do animal, o contato da escova pode machucar e causar sensação de desconforto. No momento da escovação, verifique a qualidade da pelagem e se não há pragas como pulgas e carrapatos. No caso de encontrar algum problema, como feridas ou alergias, não realize o processo de tosa se não tiver experiência, para não correr risco de tocar na pele do animal e agravar o problema.

Escolha a posição mais confortável para o animal e evite que ele fique agitado durante o processo. É aconselhável exercitar o cão antes de realizar a tosa. Se o animal estiver cansado será mais fácil manusear o pelo. A máquina também precisa de alguns cuidados como limpeza e esterilização. A lâmina deve ser limpa com uma escova pequena e o uso de álcool na limpeza não é recomendado.

Diferença entre raças

Além do tipo de escova, pente, lâmina a ser utilizada e outras ferramentas variarem de acordo com as raças, a forma de tosar também apresenta diferenças. Se o cão não for aparado do jeito correto, é possível que o resultado não seja muito favorável e apresente desequilíbrio na densidade dos pelos. Cuide também para não cortar demais e quais as partes do cão que não devem entrar em contato com a máquina.

Fox Terrier

Recomenda-se o uso da lâmina 10 ou 7. Pelagem do corpo, cauda, cabeça e orelhas devem ser cortadas. Região do focinho e olhos não leva tosa. Cuidado com os cortes nas partes sensíveis do animal.

Scottish terrier

No corpo do animal deve ser utilizado lâmina 5 ou 7. Os pelos das patas não devem ser cortados, para que o cão fique naquele estilo “vestindo a saia”. A região do peitoral requer atenção para ficar em forma de triângulo.

Poodle

A raça oferece diversos tipos de tosas e é preciso escolher qual estilo adotar. Na tosa clássica, utiliza-se lâmina 10 ou 40, além da tesoura reta. A região das patas, cauda (antes do pompom) e coxas devem ser tosadas, as outras partes são acertadas com a tesoura. O volume no início das patas, ponta do rabo e cabeça deve ser mantido.

Cocker

A raça é uma das mais difíceis e demoradas para tosar. A maior parte do pelo precisa ser retirada com as mãos, sem o uso da máquina. Se o processo não for feito assim, a cor da pelagem ficará desparelha.

Assim como para nós estas tendências de tosas mudam de tempos em tempos de raça para raça, desta forma é importante sempre estar atento às tendências de tosa.

Cuidado especial para cães agressivos

Alguns cães reagem mal ao desconforto da tosa e podem agir agressivamente. O tratamento com esse tipo de cão deve ser diferenciado, pois a agressão durante o processo pode causar sérios machucados no animal ou no tosador. Poodle é uma das principais raças que reagem agressivamente no banho e na tosa. Se o seu cão for assim, utilize uma focinheira e faça uma longa caminhada antes de iniciar o processo. Tente deixar o animal em um estado de passividade e submissão, para garantir o melhor resultado da tosa.

Banho e Tosa para Gatos

A tosa acaba sendo mais comum para os cães, mas os gatos também podem passar por este procedimento. De acordo com a opinião de alguns veterinários e especialistas no cuidado de animais, existem alguns casos que realmente estes animais precisam passar pelo procedimento de corte e de aparo dos pelos. Mas no caso dos gatos, é sempre importante consultar os veterinários antes de levar o seu bichinho para tosa. Isso porque é mais comum que os gatos passem por uma escovação do que por toda a tosa.

Quando tosar

Não existe uma regra clara relacionada à tosa dos gatos, por isso é importante uma avaliação dos veterinários. A situação da tosa pode ser mais estressante para os gatos do que para os cachorros, especialmente quando os felinos não são acostumados a passar por este procedimento quando filhotes. Geralmente, a tosa é recomendada para os gatos que possuem uma grande quantidade de pelos durante os dias mais quentes do ano. Esta tosa dos gatos que possuem uma grande quantidade de pelos acaba sendo feita especialmente para ajudar os gatos a passarem pelo verão sentindo menos calor. Além disso, quando a tosa é bem feita, os gatos acabam perdendo menos pelos do que o de costume.

Mas é muito comum que os gatos acabem dando trabalho na hora da tosa. Por isso, a dica sempre na hora de tosar o gato é procurar um lugar que realmente seja especializado neste tipo de procedimento. No caso dos gatos com grande quantidade de pelo, o ideal é que os donos acostumem o gato desde filhote a passar por esta situação. Nos casos mais críticos, quando os gatos realmente acabam atacando e arranhando as pessoas que estão tentando fazer a tosa, a dica é dar alguns calmantes para os bichanos, sempre consultando os veterinários antes.

Escovação

Já a escovação dos pelos dos gatos pode ser feita em casa mesmo, sendo que o dono pode ser o responsável. Não é necessário levar o animal para o pet shop neste caso. Além de deixar o pelo do gato muito bonito, a escovação também permite que o dono consiga controlar a queda dos pelos dos gatos com mais eficiência. No caso dos gatos com pelos mais longos, o ideal é que seja feita uma escovação diária. É importante utilizar

escovas que sejam próprias para os pelos dos animais. Na hora de comprar estas escovas, prefira sempre aquelas que apresentem cerdas naturais e mais flexíveis. Também tome cuidado quando encontrar nós nos pelos para não machucar o seu amigo. Nos gatos de pelo médio e curto a escovação pode ser mais esporádica.

Sempre escove os pelos dos gatos na direção em que eles crescem, e é importante que o dono tome cuidado para verificar se existem alguns parasitas, como pulgas e carrapatos. Pode passar um pente fino para conseguir eliminar este tipo de problema com mais eficiência, mas este pente fino deve ser passado somente depois da escovação.

Detalhes importantes na hora da tosa:

– Bigodes: Os bigodes de um gato NUNCA podem ser cortados, fique de olho! Os pelos da cabeça não devem ser raspados com a máquina, somente aparados com a tesoura e MUITO delicadamente, tomando muito cuidado com os bigodes e os pelos sensoriais, que também ficam em cima dos olhos. Um gato com os bigodes cortados pode ficar desorientado, perder o equilíbrio ou ter dificuldade em andar ou correr.

Os bigodes do gato, em conjunto com os outros pelos sensores, são antenas altamente sensíveis e podem detectar o toque ou a mínima presença. Até a corrente de ar em uma ranhura na parede, nunca descoberta por nós, pode ser detectada. Eles estão repletos de nervos e podem detectar o mais leve movimento. Os gatos que perambulam pela noite e os que têm problemas de visão, usam-nos para “ver” por onde andam permitindo-lhes manobrar em espaços estreitos e avaliar distâncias. Bigodes cortados geralmente voltar a crescer, mas com certeza será muito doloroso para o seu gato. É preciso evitar qualquer tipo de sofrimento, certo?

– Rabo: O rabo pode ser aparado, mas NUNCA pode ser completamente tosado, precisa ficar mais peludo, e assim como a cabeça, não deve ter tosado com a máquina. Gatos que têm o rabo completamente tosado podem começar a se automutilar, perseguindo e mordendo o próprio rabo.

– Corte de unhas: As unhas dos gatos possuem vasos sanguíneos na sua base. Não se deve aparar muito próximo a esses vasos devido à chance de sangramentos e dor. Somente as pontinhas devem ser cortadas: é mais fácil ver quando as unhas têm uma coloração clara.

– Cheiro: Se você tem outros gatos em casa, **evite que durante a tosa seja usado perfume no gato**. Dessa forma, a chance dos outros gatos estranharem o gato tosado é um pouco menor. É bem comum isso acontecer. Muitos gatos chegam a brigar por dias, pois os que ficaram em casa acabam não reconhecendo o gato tosado, que volta com um cheiro completamente diferente, que pode demorar dias para sair, ou para ser substituído novamente pelo cheiro familiar para os outros gatos.

- Sedativos: Qualquer tipo de medicamento deve ser administrado diante de extrema NECESSIDADE, e por um profissional. Principalmente quando se trata de sedativos. Quando estamos falando de gatos saudáveis, sinceramente, será que vale a pena sedar o gato para tosá-lo?

Noções das Principais Doenças Caninas



Os endoparasitos (verminoses)

Tratam-se, principalmente, de espirocercoses, causadas na espécie canina por *Spirocerca lupi*, um nematode presente na parede do esôfago ou, mais raramente, do estômago, por vezes até mesmo na parede da artéria aorta. Estes parasitas causam uma doença grave, presente essencialmente nos países tropicais,

na África do Norte e na Europa meridional. Os cães infestam-se ingerindo os hospedeiros intermediários, ou seja, coleópteros, mas, principalmente, pequenos vertebrados.

Os animais atingidos apresentam sintomas digestivos esofágicos (regurgitações, por vezes impossibilidade de deglutir) e gástricos (vômitos recorrentes, aumento da sede).

Podem ser observadas dificuldades respiratórias quando o parasita se encontra na parede da aorta. O tratamento é muito difícil e baseia-se em anti-helmínticos sob forma injetável, como a ivermectina. Dada a diversidade de hospedeiros intermediários (vetores do parasita) responsáveis pela infestação do cão, é praticamente impossível considerar a possibilidade de qualquer profilaxia.

Estes parasitas são estrôngilos, principalmente *Ancylostoma caninum*, nas regiões quentes e *Ancylostoma brasiliense*, nos países tropicais. Afetam, principalmente, os animais que vivem em coletividade (fala-se, frequentemente, de anemia de cães de matilha), mas outros cães também podem ser infestados. As larvas dos estrôngilos do gênero *Ancylostoma* penetram através da pele ou são ingeridas pelos cachorros com o leite materno. A infestação desenvolve-se em várias fases, correspondentes às migrações das larvas no organismo. Inicia-se com uma fase cutânea, durante a qual surgem pequenas borbulhas no abdômen do cão, que desaparecem espontaneamente após cerca de dez dias.

Os parasitas do intestino delgado incluem nematódeos da família dos Ascarídeos (*Toxascaris leonina*) e Toxocarídeos (*Toxocara canis*), sendo estes últimos transmissíveis aos seres humanos. Este parasita afeta principalmente os cães jovens até um ano de idade. A infestação é realizada pela ingestão de ovos embrionados, presentes na água ou nos alimentos, ou pela transmissão no útero da mãe aos seus filhos, ou através do leite materno quando este contém larvas. Os animais em más condições físicas gerais são mais receptivos, bem como aqueles que apresentam determinadas carências alimentares.

Uma infestação maciça é responsável por sintomas gerais, tais como atraso no crescimento, emagrecimento, mortalidade significativa nos cachorros de 3 a 7 semanas de idade que foram maciçamente infestados antes do nascimento. Evidentemente,

estes cachorros apresentam sintomas digestivos: diarreia alternada com períodos de prisão de ventre, vômitos levando à eliminação de parte dos parasitas, bem como um inchaço abdominal mais ou menos acentuado. Outras complicações podem surgir sob a forma de obstrução intestinal (por uma bola de vermes), ou até mesmo por uma perfuração intestinal que levará a uma hemorragia ou a uma peritonite.

Além destes sintomas, os parasitas ingerem sangue e conteúdo intestinal, que contém elementos essenciais ao crescimento do cachorro. O diagnóstico é geralmente fácil: o cachorro apresenta uma saúde geral debilitada, o seu abdômen está distendido e é possível encontrar parasitas nas fezes ou nos vômitos coprológico pode ajudar no diagnóstico. Há vários antiparasitários disponíveis, sendo os mais frequentes o pamoato de pirantel, o nitroscanato e a ivermectina.

Os cestódeos também parasitam esta parte do tubo digestivo. Trata-se de tênias, como o *Dipylidium caninum*, transmitido pela ingestão de pulgas. Este parasita atinge cães de todas as idades, provocando-lhes um prurido anal intenso. O cão esfrega a parte traseira no chão. Existem sintomas digestivos associados, como a eliminação de anéis de parasitas – com a forma de grãos de arroz – nas fezes, que podem ter um aspecto mais ou menos diarreico. As reinfestações são frequentes e favorecidas pelo fato de os ovos poderem colar-se aos pelos e serem assim ingeridos pelo cão.

Os principais parasitas do intestino grosso, mais exatamente do ceco e do cólon, são nematódeos do gênero *Trichuris*. Os cães infestam-se pela ingestão dos ovos, presentes no meio ambiente, sendo que os adultos aparentemente são mais afetados. Quando existe uma infestação maciça, surgem sintomas como diarreia (que pode ser hemorrágica), anemia, emagrecimento etc.

Os ectoparasitos

As afecções parasitárias externas atingem, essencialmente, a pele e a pelagem. Elas podem causar eczemas, prurido ou queda de pelo acentuada.

As pulgas

São insetos desprovidos de asas, cujo corpo é achatado lateralmente. As pulgas do cão pertencem às espécies *Ctenocephalides canis* ou *Ctenocephalides felis*, dos quais

somente os adultos são parasitas. Encontram-se principalmente nos lugares frequentados pelo cão: estima-se que, num determinado momento, apenas 10 % das pulgas estejam presentes na pelagem (o restante está no ambiente!).

As pulgas são muito prolíferas: as fêmeas põem numerosos ovos (às vezes mil ou dois mil) em alguns meses. Como estes ovos não aderem à pelagem cai ao solo e acumula-se nos tapetes, no chão etc. Os ovos eclodem, libertando larvas que sofrem metamorfoses, realizam mudas e transformam-se em ninfas. Depois, em condições favoráveis, o adulto formado sai do casulo e torna-se um parasita no cão, chamado hospedeiro definitivo.

As pulgas causam várias patologias no cão. Em primeiro lugar, têm um papel patogênico direto, em geral pouco incomodativo, que se limita às comichões. No entanto, o cão pode desenvolver uma dermatite por hipersensibilidade às picadas de pulga (DAPP), que se traduz por um prurido intenso, levando à queda de pelo ou, até mesmo, feridas ao coçar, localizadas na parte superior do corpo (sobretudo na região lombar).

Além da espoliação sanguínea, as pulgas são frequentemente responsáveis por alergias e podem transmitir aos cães e aos gatos um verme achatado, muitas vezes visto nos carnívoros adultos.

Os carrapatos

Os carrapatos são ácaros de grandes dimensões (de 2 a 10 mm). Existe um grande dimorfismo sexual relacionado com o fato de o abdômen das fêmeas ser fortemente dilatável, ao contrário do que acontece com os machos. O seu corpo, de cor vermelho acastanhado, é achatado, exceto depois de se alimentarem, quando se torna globuloso. São parasitas intermitentes, estritamente hematófagos, exceto alguns machos de algumas espécies que não se alimentam.

Os carrapatos parasitas do cão são principalmente da espécie *Rhipicephalus sanguineus*. São muito específicas do cão, visto que procuram fixar-se neste hospedeiro (e apenas nele), em qualquer estado evolutivo (larva, ninfa ou adulto). O carrapato fixa-se à pele do cão, de preferência onde esta é mais fina. Então, introduz as suas peças bucais na pele e inocula uma saliva especial que se solidifica, formando uma área de fixação muito resistente. Assim, o carrapato pode alimentar-se de sangue, o que é facilitado pela

injeção de uma saliva com propriedades anticoagulantes e vasodilatadoras. Esta refeição é parcial para as larvas e as ninfas, bem como para as fêmeas não fecundadas, mas torna-se muito significativa (até alguns mililitros) para as fêmeas fecundadas.

Os carrapatos desempenham um papel patogênico direto importante, pela irritação que provoca a penetração do carrapato e a sua saliva. Depois do carrapato se desprender do hospedeiro, a pele do cão fica fragilizada. A lesão provocada pela fixação pode tornar-se um foco de penetração de bactérias, conduzindo a mais infecções.

O repasto sanguíneo constitui uma espoliação sanguínea mais ou menos intensa para o cão, podendo causar uma anemia severa em caso de infestação maciça. Finalmente, a presença de carrapatos no cão pode provocar uma reação tóxica, tanto local quanto generalizada. Conhecem-se, por exemplo, paralisias por carrapatos na Austrália causadas pela espécie *Ixodes holocyclus*; sem tratamento, levam à morte por paralisia dos músculos respiratórios.

A presença de carrapatos também tem influência sobre a imunidade do cão. Observa-se o aparecimento de uma imunidade adquirida. Os carrapatos também podem transmitir vários agentes causadores de doenças, seja através de uma fêmea à sua descendência, seja de um estado de desenvolvimento a outro, seja pela combinação dos dois. Os carrapatos são responsáveis pela transmissão de:

- *Babesia canis*, agente da babesiose (também chamada piroplasmose)
- *Hepatozoon canis*, responsável pela hepatozoonose
- *Ehrlichia canis*, agente da erliquiose
- Zoonoses, (doenças transmissíveis aos seres humanos) tais como a febre escaro-nodular da Ásia, da África e da Europa meridional, causada pela *Rickettsia conori*, e a febre maculosa, doença que ocorre no Brasil e estados como Minas Gerais e São Paulo, causado pela *Rickettsia rickettsi*.

As doenças dos cães combatidas por vacinação

Leptospiroses

São doenças contagiosas devidas a bactérias do gênero *Leptospira*; envolvem diversas espécies e são transmissíveis ao ser humano. No cão, há dois grupos principais, chamados sorotipos: são denominados *Leptospira icterohaemorrhagiae* e *Leptospira piracanicola*. Estas doenças ocorrem no mundo inteiro, em particular nas regiões úmidas e nos agrupamentos de cães.

As leptospiroses manifestam-se sob diferentes formas clínicas, conforme o sorotipo envolvido. Em primeiro lugar, o cão pode apresentar uma gastroenterite hemorrágica, causada pelos sorotipos acima citados. Esta gastroenterite existe sob uma forma aguda: depois de cinco dias de incubação, o cão torna-se abatido, prostrado, anorético, com polidipsia (aumento da sede). Apresenta uma hipertermia significativa durante dois a três dias, ocorrendo depois uma hipotermia. A palpação abdominal é muito dolorosa. Em seguida, começa o período crítico, com uma duração de cinco a seis dias, durante o qual aparecem sinais digestivos (vômitos que se tornam sanguinolentos, diarreias hemorrágicas), bem como hemorragias nas mucosas e na pele, uma inflamação da mucosa bucal, que exala um odor fortemente desagradável, e uma insuficiência renal aguda (diminuição da quantidade de urina excretada, podendo esta estar manchada de sangue). Podem também surgir complicações nervosas, oculares, cardíacas e pulmonares. Instala-se, então, uma fase de coma que evolui para a morte.

Esta gastroenterite também pode existir sob uma forma hiperaguda: a doença evolui para a morte em 48 horas, depois de um período de hipotermia acompanhado por vômitos e diarreia, antes do cão entrar em coma. Existe uma outra forma subaguda, com uma duração aproximada de duas semanas, que pode resultar na cura do cão após a fase de gastroenterite. Existe uma segunda forma, devida, neste caso, unicamente à *Leptospira icterohaemorrhagiae*, denominada de leptospirose icterícia. A incubação dura entre cinco a oito dias, depois o cão apresenta febre durante dois dias que é substituída, em seguida, por hipotermia, abatimento e dores abdominais. O cão torna-se anorético. Ocorre, então, a fase crítica, em que as mucosas assumem um tom vermelho alaranjado, característica da icterícia.

A ela estão associados sintomas digestivos, diarreia e vômitos. Esta forma evolui para a morte em cinco a quinze dias. A terceira forma existente deve-se à *Leptospira canícula*. Trata-se da nefrite por leptospira. Esta doença pode evoluir conforme duas modalidades: rápida, com predominância de uma gastroenterite, ou lenta. Neste último caso, a doença só pode ser diagnosticada na sua fase terminal, a uremia (forte aumento do teor de ureia no sangue). O cão morre no final de uma fase de coma urêmico.

Hepatite infecciosa canina

O vírus responsável pela doença é denominado CAV 1: é um adenovírus canino do tipo 1. Pode resistir durante aproximadamente dez dias no meio ambiente, mas é destruído pelo calor e pelos raios ultravioletas. A doença pode existir numa forma hiperaguda, aguda ou subaguda. A contaminação pode ser obtida por simples contato entre um animal doente e um cão sadio ou por contacto indireto, por intermédio de objetos contaminados ou pelos alimentos. A cadela que amamenta também pode transmitir o vírus aos seus cachorros, desencadeando a forma hiperaguda da doença. O vírus penetra principalmente por via digestiva ou acessoriamente por via aérea. Apenas o cão e a raposa são sensíveis a este vírus. Durante toda a doença, eles podem propagar o vírus no meio ambiente através do sangue e das excreções. A urina pode ser responsável pelo contágio durante vários meses após a cura. No organismo, o vírus multiplica-se primeiramente nas amídalas e em diversos gânglios, e depois pode ou não se disseminar. O fato deste vírus poder permanecer localizado em certas regiões explica o grande número de formas não aparentes.

A parvovirose

A parvovirose é uma doença contagiosa, surgida nos Estados Unidos e na Austrália em 1978, e que atualmente existe no mundo inteiro. É causada por um vírus da família dos Parvoviridae, muito resistente no meio ambiente. As espécies sensíveis são exclusivamente os Canídeos. Em geral, esta doença traduz-se por uma gastroenterite hemorrágica. Depois de três ou quatro dias de incubação, começa a fase crítica. Durante esta fase, o cão está inicialmente prostrado e anorético. Surgem, então, vômitos que precedem, por pouco, o aparecimento da diarreia de aspecto hemorrágico. Depois de quatro a cinco dias de evolução, as fezes

assumem um aspecto rosa-acinzentado, característico desta doença infecciosa.

A evolução pode ser hiperaguda, na qual o cão se desidrata de forma muito significativa e morre em dois ou três dias, e aguda, com diminuição do volume sanguíneo, ocasionada pela diarreia e vômitos. Neste caso, as infecções bacterianas suplementares levam o animal à morte em cinco a seis dias. A mortalidade mais significativa que se observa é a dos cachorros de pouca idade com seis a doze semanas, ou seja, quando a proteção conferida pelos anticorpos de origem materna desaparece. Existe também uma forma cardíaca, muito rara, que afeta exclusivamente os cachorros de 1 a 2 meses de idade que não receberam imunidade da sua mãe. Após um curto período de dificuldades respiratórias, a doença evolui geralmente para a morte. Os cachorros que sobrevivem conservam sequelas cardíacas. Finalmente, vários cães podem estar infectados sem apresentarem sintomas.

O contágio de um cão a outro pode ser direto, por contato entre os dois animais, ou indireto, por intermédio dos objetos contaminados pelas fezes de um animal contaminado.

A raiva

Esta doença infecciosa, inoculável, é causada por um vírus da família dos Rhabdoviridae. Este vírus é sensível ao calor e desativado pela luz e pelos raios ultravioletas. É conservado pelo frio. O vírus rábico possui uma afinidade muito acentuada pelos tecidos nervosos. A sua virulência depende da glicoproteína G, molécula situada no vírus. Na maioria dos casos, este vírus é inoculado no cão quando ocorre um traumatismo (dentada, arranhão) e multiplica-se localmente.

Depois de uma multiplicação no músculo, o vírus difunde-se por todo o organismo e penetra nos nervos. Os sintomas que se seguem à infecção pelo vírus são de origem nervosa, levando sempre à morte do cão. Várias evoluções são possíveis após um contacto com o vírus. Pode-se observar uma contaminação sem sintomas ou até mesmo, em casos muito raros, uma infecção que se traduz por sintomas, mas tendo como resultado a cura, com ou sem sequelas e finalmente, em praticamente 100 % dos casos, uma infecção normal levando a uma evolução para a morte.

Os animais perigosos são aqueles que se encontram na última fase da incubação, quando o vírus é eliminado pela saliva, bem como os animais que mostram sinais clínicos da doença.

O contágio está essencialmente associado às mordeduras, mas nem todas elas são necessariamente contagiosas.

A cinomose

A cinomose atinge o cão em qualquer idade e a sensibilidade à infecção varia de um indivíduo a outro. Os cães contaminam-se na maioria dos casos de forma direta, sendo que o vírus é inalado e atravessa as vias respiratórias. Depois da penetração do vírus no organismo, este multiplicasse nas amídalas e nos brônquios, disseminando-se a seguir por todo o organismo em, aproximadamente, oito dias.

A partir desse momento, existem três modalidades de evolução. Em metade dos cães, a resposta imunológica desenvolvida depois da infecção é suficiente e o vírus desaparece. Os animais curam-se após terem apresentado alguns sintomas relativamente discretos. Entretanto, outros animais têm uma imunidade deficiente e estes cães apresentam os sintomas característicos da doença. Finalmente, uma minoria parece curar-se, mas está sujeita a sintomas nervosos após um mês.

A tosse dos canis

Esta doença, designada de tosse dos canis ou traqueobronquite infecciosa, é uma afecção respiratória contagiosa, caracterizada por uma tosse que pode durar várias semanas. Esta síndrome deve-se à ação de um conjunto de microrganismos (bactérias e vírus). É encontrada, essencialmente, nos locais em que estão reunidos cães de diversas origens, mas, por vezes, também surge em animais isolados, como após uma exposição de cães, por exemplo. A principal bactéria responsável é a *Bordetella bronchiseptica*.

Ela intervém com frequência em paralelo com uma infecção viral. O estado geral do cão não se encontra debilitado: depois de aproximadamente três dias de incubação, o animal apresenta tosse e um fluxo nasal de aspecto mais ou menos purulento. Vários vírus também podem ser responsáveis por uma parte dos sintomas. O vírus da Parainfluenza pode provocar uma ligeira inflamação da região rinofaríngea, bem como uma tosse de alguns

dias. Este vírus é muito contagioso. A doença é transmitida aos cães presentes em redor. Finalmente, os Micoplasmas podem potencializar a ação dos outros microrganismos, sem, no entanto, serem responsáveis pelo aparecimento dos sintomas quando agem isoladamente.

A giardíase

A Giardíase é uma infecção causada por protozoários que acometem, principalmente, a porção superior do intestino delgado. É considerada uma zoonose, ou seja, doença transmitida ao homem pelos animais. Os sintomas mais comuns da doença nos animais são fezes moles, odor fétido e algumas vezes diarreia acompanhada de dor abdominal, que pode ser intermitente e aguda e muitas vezes associada à desidratação. Outros sinais incluem vômito, cansaço, falta de apetite, perda de peso e anemia. O ser humano pode apresentar a mesma sintomatologia canina, ou seja: diarreias frequentes, vômitos, desidratação, fraqueza, dores abdominais, podendo evoluir para problemas mais graves quando não tratados.

Diarreias por Alimentação

A alimentação pode intervir a dois níveis num problema de diarreia:

- Pelo seu papel indutor, se estiver mal preparada.
- Pelo seu papel paliativo, se ajudar no tratamento da diarreia em causa. Desta forma, a alimentação pode desencadear uma diarreia quando:
 - A alimentação do cão é bruscamente alterada, de um dia para o outro, sem respeitar a necessária transição alimentar de uma semana;
 - a quantidade de alimento fornecida é excessiva, ultrapassando as capacidades de digestão do cão;
 - A alimentação contém em excesso glicídios pouco digeríveis, o que conduz a uma diarreia de odor azedo; acontece em determinados cães que não suportam o leite ou que já não estão adaptados a ele, ou quando o amido do arroz ou das massas está insuficientemente cozido. Os cães mais frágeis a este problema são as raças próximas dos cães selvagens (cães nórdicos, Pastores alemães);
 - A alimentação é rica em proteínas pouco digeríveis (carnes de má qualidade, tendões, aponeuroses, cereais crus, carnes muito

cozinhas) que, ao chegarem ao intestino grosso, vão "fermentar" e provocar a produção de diversas substâncias tóxicas, causadoras de diarreias de odor pútrido. No entanto, a alimentação pode igualmente ajudar a prevenir ou a tratar certas diarreias, desde que seja convenientemente utilizada. Assim, no caso de uma diarreia aguda, impõem-se as seguintes medidas:

- Dieta de líquidos de 24 horas (sem sólidos, mas bastantes líquidos), de modo a prevenir qualquer desidratação e permitir o repouso do intestino;
- Fracionamento da alimentação (assim que cessa a dieta, o fornecimento de pequenas refeições permite um melhor funcionamento do sistema digestivo);
- Fornecimento de um alimento hiperdigerível de grande qualidade.

Os casos de diarreias crônicas (com uma duração de várias semanas) são mais complicados de avaliar porque, conforme os casos, a adaptação da alimentação será diferente; uma diarreia que tem por origem o intestino delgado, requer uma alimentação hiperdigerível, enquanto que uma diarreia proveniente do intestino grosso necessitará de um maior suplemento de fibras celulósicas, para aproveitar os seus efeitos higiênicos. Na verdade, toda a arte do "nutricionista Médico Veterinário" revela-se no tratamento alimentar de uma diarreia crônica.

Noções das Principais Doenças Felinas



Leucose e imunodeficiência felina

A leucemia felina e a imunodeficiência felina são duas doenças dos gatos domésticos provocadas por retrovírus – uma família de vírus especial (na qual se inclui o HIV, causador na SIDA nos seres humanos), que tem a capacidade de introduzir o seu material genético no das células do indivíduo infetado. Embora as duas doenças possam parecer semelhantes sob o ponto de vista clínico, os vírus e a forma como causam doença são distintos: - o vírus da leucemia felina (conhecido pela sigla FeLV) pertence ao subtipo oncornaviridae, assim chamado por a infeção favorecer o desenvolvimento de tumores. - O vírus da imunodeficiência felina (designado FIV) classifica-se no subtipo lentiviridae, porque a doença que provoca evolui de forma lenta.

A transmissão de FeLV ocorre por mordedura e a limpeza mútua entre gatos. A partilha de pratos de comida e de caixas de areão também podem constituir formas de transmissão esporádicas. As crias duma gata infetada pelo FeLV podem contrair o vírus, quer durante a gestação, quer através do aleitamento.

Já para FIV a forma de transmissão mais importante para esta doença é a mordedura. Também é possível a transmissão através da limpeza mútua, bem como da mãe infetada para as crias, mas são modos de transmissão menos frequente. Dada a forma de transmissão preferencial, a imunodeficiência felina é, tipicamente,

uma doença de gatos machos, de meia-idade ou idosos, que têm acesso ao exterior.

Os gatos infetados, quer pelo FIV, quer pelo FeLV, frequentemente não apresentam nenhuns sinais de doença durante meses, ou mesmo vários anos. No entanto, à medida que o sistema imunitário se deteriora pela ação do(s) retrovírus, começam a surgir períodos de doença recorrente, intervalados com períodos de aparente saúde. Os sinais de infeção podem corresponder a doença localizada em qualquer local do organismo.

Pode observar-se:

- Falta de apetite, febre persistente, pelagem em mau estado;
- Perda de peso, lenta, mas progressiva;
- Inflamação oral (gingivite, tonsilite, estomatite);
- Infeções crónicas ou recorrentes a nível da pele, bexiga e/ou trato respiratório superior;
- Diarreia persistente; - diversos processos oftalmológicos;
- Sintomatologia nervosa, que pode incluir o aparecimento de convulsões ou alterações no comportamento;
- Anemia;
- Desenvolvimento de tumores, com destaque para o linfoma (mas não exclusivamente);
- Aborto e infertilidade, em gatas não castradas.

Peritonite infecciosa felina

Familiarmente designada por P.I.F, deve o seu nome a uma das formas que pode assumir: uma ascite, ou seja, a acumulação de líquido no abdômen. O agente causal pertence à família dos corona vírus. A P.I.F. constitui um problema real e bastante grave para os criadores, abrigos onde existe uma grande concentração de gatos, principalmente se entre estes também existirem crias. A P.I.F. surge em gatos de todas as idades, com especial incidência nos jovens (gatinhos e adultos até ao ano e meio). O vírus transmite-se principalmente por via oro-fecal: um gato sensível é

contaminado pela boca (lambidelas, contatos com secreções ou fezes do animal doente).

É provável que uma determinada proporção de gatos, uma vez contraído o vírus, se tornem portadores sãos e que, ocasionalmente, o excretem durante uma situação de stress, uma doença ou durante a reprodução. O vírus da P.I.F é muito resistente em meio exterior (diversas semanas).

Gatos que desenvolvem a doença, podem apresentar inicialmente sintomas inespecíficos como perda de apetite, peso, depressão e pelos com qualidade ruim. PIF pode se apresentar de forma efusiva (úmida) e não efusiva (seca). A forma efusiva se caracteriza pela presença de acúmulo de fluido abdominal. Quando há presença de líquido o animal pode apresentar dificuldade respiratória.

Afecções oculares e das vias aéreas superiores

As mais graves são causadas por 2 vírus e uma clamídia, dos quais, apenas os calicivirus conseguem resistir por mais de 48 horas no meio exterior (10 dias), apesar do meio ambiente ter pouca influência no contágio que se processa fundamentalmente gato a gato.

Os sinais clínicos são geralmente designados pelo termo familiar e global "coriza". Os sintomas comuns são a febre, rapidamente seguida de conjuntivite, lacrimejamento, espirros que, por vezes, se complicam com secreções serosas a purulentas (secreções nasais abundantes) e tosse. Alguns sinais particulares permitem distinguir, ocasionalmente, os diferentes agentes, mas as infecções mistas não são raras.

O herpes vírus do tipo 1

É responsável pela rinotraqueite viral, caracterizada por espirros paroxísticos, descarga nasal e conjuntivite purulentas com úlceras na córnea e lesões na língua. O vírus é transmitido por contato direto e o período de incubação geralmente é curto. O herpesvírus tipo 1 (HV1 -1) tem distribuição mundial. Sua transmissão ocorre através de secreções nasais e lacrimais, assim como pela saliva, especialmente na forma de aerossol, pelos animais doentes. O agente penetra por via nasal, oral ou conjuntival. A prevenção pode ser feita através da vacinação.

Calicivirose

Os sintomas da calicivirose, provocada por um calicivírus, são variáveis dependendo da estirpe e da resistência do animal. Nos casos menos graves, a doença limita-se ao aparecimento de úlceras na língua, no palato, nos lábios e sulco mediano do nariz. A dor que a acompanha, desencadeia a anorexia total: o animal deixa de se alimentar. É observável igualmente o corrimento ao nível dos olhos e do nariz. A transmissão ocorre principalmente através do espirro. Um gato doente que espirra elimina partículas virais pela sua secreção nasal sob a forma de aerossóis (microgotículas) que são inaladas por outro gato. Juntamente com a Rinotraqueíte causada pelo herpesvírus, formam o Complexo Respiratório Viral Felino, que por terem sinais que se confundem foram assim agrupados. A calicivirose também apresenta sua profilaxia através de vacinação.

Asma felina

O termo asma é utilizado para descrever os episódios reincidentes de tosse paroxística, respiração sibilante e dispneia. Esta síndrome evidencia muitas semelhanças clínicas com a asma humana. A origem da asma felina inclui, provavelmente, uma reação de hipersensibilidade à inalação de pneumoalérgenos, que provoca a contração dos músculos lisos das vias respiratórias e uma inflamação das vias aéreas. Por vezes, a tosse é tão violenta que acaba por desencadear o vômito ou a rejeição de líquidos digestivos. Alguns episódios graves requerem um tratamento de urgência.

Um gato em crise fica prostrado no solo, com os cotovelos afastados, o pescoço esticado, de boca aberta e língua de fora, evidenciando por vezes uma coloração azulada por efeito da cianose (oxigenação insuficiente). A afecção resulta de uma hiperatividade das vias respiratórias que se traduz pela contração dos músculos lisos (broncoespasmo) e uma inflamação por contacto com alérgenos aéreos. Os antibióticos revestem-se de fraca utilidade neste tipo de afecção respiratória visto que a origem não é infecciosa, exceto em caso de infecção secundária. Os anti-inflamatórios esteroides geralmente permitem controlar a crise e a melhorar o estado do doente.

Fases da Doenças:

- Fase aguda: Esplenomegalia (aumento do baço)

- Fase crônica: febre; hematúria (sangue na urina); mucosas descoradas pela anemia profunda; epistaxe (perda de sangue pelo nariz); perda de peso; redução do apetite; petéquias (pequenas hemorragias subcutâneas); podendo ocorrer hemorragia gastrointestinal (devido ao rompimento de pequenos vasos) e icterícia; histórico de infestação por carrapatos, pulgas. Cerca de 1/3 dos gatos não tratados morrem da infecção.

Os animais se tornam portadores para o resto da vida, mesmo se recuperando da doença. Em casos de comprometimento do sistema imunológico, por causa viral, stress ou administração de corticosteroide, a doença retorna.

Quando o gato está bebendo muita água

A poliúria–polidipsia é um sintoma que se manifesta em inúmeras afecções, entre as quais:

- Afecções renais (insuficiência renal crônica ou por vezes aguda, nefrite intersticial, pielonefrite, reações após a remoção da obstrução);
- Afecções genitais (Piometra, Metrite);
- Afecções hepáticas (Insuficiência hepática);
- Afecções endócrinas (doença das suprarrenais, diabetes mellitus, diabetes insipidus, hipertiroidismo);
- Desequilíbrios eletrolíticos (hiper ou hipocalcemia; hiponatremia, hipocalemia)
- Consequências do tratamento (corticoides, diuréticos, alguns antibióticos);
- Excesso de sal nos alimentos.

Se precisar só do Certificado

Basta ter experiência na área.